

FLASH EUROBAROMETER 584

Desafios e prioridades da UE

RELATÓRIO EUROBAROMETER

Junho de 2026



Eurobarómetro Flash
Desafios e prioridades da UE

Inquérito realizado pela Demoscopy a pedido da Direção-Geral da Comunicação (DG COMM, Unidade «Opinião Pública e Participação dos Cidadãos»)

O presente documento não representa o ponto de vista da Comissão Europeia. As interpretações e opiniões nele contidas são apenas as dos autores.

Título do projeto

Eurobarómetro Flash n.º 584 – Desafios e prioridades da UE

Relatório

PT

Número do catálogo

NA-01-26-031-PT-N

ISBN

978-92-68-41278-7

doi: 10.2775/2560997

© União Europeia, 2026

<https://europa.eu/eurobarometer>



*Eŭropo
Demokratio
Esperanto*

Documento elaborado por Pierre Dieumegard para Europokune - Europa Unida e [Europa Democracia Esperanto](#).

O objectivo deste documento "provisório" é permitir que mais pessoas na União Europeia tomem conhecimento de documentos produzidos pela União Europeia (e financiados pelos seus impostos).

Se não houver traduções, os cidadãos são excluídos do debate.

Este documento "Eurobarómetro" [só existia em inglês](#), num ficheiro pdf. A partir do ficheiro inicial, criámos um odt-file, preparado pelo software Libre Office, para tradução automática para outras línguas. Os resultados estão agora [disponíveis em todas as línguas oficiais](#).

É desejável que a administração da UE assuma a tradução de documentos importantes. Os «documentos importantes» não são apenas leis e regulamentos, mas também as informações importantes necessárias para tomar decisões informadas em conjunto.

A fim de discutir o nosso futuro comum em conjunto, e para permitir traduções confiáveis, a língua internacional Esperanto seria muito útil devido à sua simplicidade, regularidade e precisão.

Contacte-nos :

[Kontaktu nin-Ek ! Eŭropo kune!](#)

<https://e-d-e.org/-Kontakti-EDE>

Índice

Introdução.....	4
Principais conclusões.....	6
1. Exposição e riscos que as crianças enfrentam nas redes sociais.....	8
1.1 Exposição e respostas a informações falsas e enganosas em linha.....	8
1.2 Os riscos que as crianças enfrentam em linha e a sua proteção.....	12
2. Percepções da democracia e do Estado de direito.....	17
2.1 Identificação dos pilares da democracia.....	17
2.2 Satisfação mista com o Estado de direito a nível nacional e da UE.....	19
2.3 Ceticismo em relação à acção dos cidadãos para influenciar o processo de decisão da UE.....	23
3. A crise energética.....	26
3.1 Energias renováveis, a principal medida para abandonar os combustíveis fósseis.....	26
3.2 Aumento dos preços da energia: reduzir o consumo em vez de mudar a estrutura.....	28
4. Percepção da política comercial e da soberania económica.....	30
4.1 Cooperação nas negociações comerciais.....	30
4.2 Diversificação das relações comerciais.....	32
5. Percepção dos principais desafios da UE.....	34
5.1 Percepções dos europeus sobre os principais desafios da UE.....	34
5.2 Prioridades que os europeus esperam da UE.....	38
6. Segurança e defesa da UE.....	41
6.1 Percepção da ameaça à segurança nacional e apoio à autonomia de defesa da UE.....	41
6.2 Confiança na UE para reforçar a segurança e a defesa.....	44
7. Especificações técnicas.....	47
8. Questionnaire.....	49

Introdução

A União Europeia atravessa um período de grande incerteza política, económica e social. As questões de segurança e defesa, a autonomia estratégica, as pressões energéticas, a competitividade, a resiliência democrática e a desinformação tornaram-se elementos centrais do debate público sobre o futuro da UE. Este contexto reflete-se nos recentes dados do Eurobarómetro: 68 % dos europeus concordam que a segurança do seu país está ameaçada no atual contexto internacional, uma perceção partilhada por todos os Estados-Membros.¹ Neste contexto, as perceções dos cidadãos fornecem uma indicação importante da forma como o papel, os pontos fortes e as vulnerabilidades da UE são compreendidos em todos os Estados-Membros. Um anterior Eurobarómetro Flash, publicado em setembro de 2025, já explorou os pontos de vista dos cidadãos sobre o futuro da União Europeia, incluindo o seu nível de otimismo, a sua avaliação dos principais pontos fortes e desafios da UE e as suas expectativas em relação às principais prioridades políticas. Os seus resultados sublinharam a importância contínua destes temas e confirmaram a necessidade de acompanhar a evolução da opinião pública num ambiente em rápida mutação.

Por conseguinte, a Comissão Europeia está a lançar um novo Eurobarómetro Flash para atualizar e aprofundar os dados disponíveis sobre os pontos de vista dos cidadãos sobre os desafios e as prioridades que a União Europeia enfrenta em 2026. O inquérito medirá a forma como as pessoas em toda a UE-27 percecionam as principais questões com que a União se confronta, os domínios que consideram que devem receber atenção prioritária e a orientação mais ampla da UE em resposta às pressões atuais e emergentes. Manterá igualmente um número limitado de indicadores de tendências da vaga anterior, permitindo que as mudanças ao longo do tempo sejam avaliadas em relação a determinados temas fundamentais, como o otimismo em relação ao futuro da UE, os pontos

fortes e os desafios identificados, as prioridades políticas, a democracia, a confiança económica e a segurança. Paralelamente, o questionário abordará questões que são particularmente relevantes para a atual agenda, incluindo a defesa, a autonomia estratégica, a posição da UE no mundo, a crise energética, a inovação, a simplificação e a desinformação. Os resultados fornecerão elementos de prova atempados e comparáveis para apoiar as atividades de reflexão estratégica e de comunicação da Comissão antes do discurso sobre o estado da União, em setembro de 2026.

Em nome da Comissão Europeia, a Direção-Geral da Comunicação (DG COMM, Unidade «Opinião Pública e Participação dos Cidadãos»), a Demoscopy entrevistou a população em geral com idade igual ou superior a 15 anos nos 27 Estados-Membros da União Europeia (UE).

Entre 19 e 24 de junho de 2026, foram realizadas 25 904 entrevistas através de uma entrevista em linha assistida por computador (CAWI - Computer Assisted Web Interviewing), com cerca de 1 000 entrevistas realizadas em países de maior dimensão e 500 entrevistas em países de menor dimensão (LU, CY, MT).

1 Eurobarómetro Flash n.º 574, A União Europeia na Defesa e no Espaço, Comissão Europeia, DG DEFIS, janeiro de 2026, [A União Europeia na Defesa e no Espaço – inquérito Eurobarómetro](#)

Eurobarómetro Flash
Desafios e prioridades da UE

Notas

- Os dados dos inquéritos são ponderados
- Os resultados dos inquéritos estão sujeitos a tolerâncias de amostragem, o que significa que nem todas as diferenças aparentes entre países ou grupos podem ser estatisticamente significativas.
- Quando os inquiridos podem seleccionar mais do que uma resposta, a soma das percentagens de resposta pode exceder 100 %.
- Neste relatório, os países são referidos pela sua abreviatura oficial, como indicado abaixo

BE	Bélgica	FR	França	NL	Países Baixos
BG	Bulgária	HR	Croácia	AT	Áustria
CZ	Chéquia	IT	Itália	PL	Polónia
DK	Dinamarca	CY	Rep. de Chipre*	PT	Portugal
DE	Alemanha	LV	Letónia	RO	Roménia
EE	Estónia	LT	Lituânia	SI	Eslovénia
IE	Irlanda	LU	Luxemburgo	SK	Eslováquia
EL	Grécia	HU	Hungria	FI	Finlândia
ES	Espanha	MT	Malta	SE	Suécia

*Chipre no seu conjunto é um dos 27 Estados-Membros da UE. Por razões práticas, as entrevistas só foram realizadas na parte do país controlada pelo Governo da República de Chipre.

Principais conclusões

Exposição e riscos que as crianças enfrentam nas redes sociais

- 58 % dos europeus depararam-se com conteúdos que não tinham a certeza de serem fiáveis nos últimos sete dias e 57 % depararam-se com conteúdos que consideravam falsos ou enganosos. 42 % acreditam ter encontrado conteúdos que podem fazer parte de uma tentativa estrangeira de influenciar a sua opinião, uma percentagem que aumenta para 55 % na Estónia e 54 % na Letónia, contra 35 % nos Países Baixos e na Bélgica.
- Quando confrontados com conteúdos suspeitos, os europeus dividem-se quase uniformemente entre confrontá-los com outras fontes (33 %) e simplesmente ignorá-los (32 %). Apenas 15% denunciá-lo para a plataforma, 15% discuti-lo com amigos ou familiares, e 5% partilhá-lo online.
- Os europeus são favoráveis a respostas mais firmes e assentes em regras à desinformação: sanções mais severas contra os conteúdos ilegais (44 %) e regras mais rigorosas para as plataformas (40 %) são as duas medidas mais frequentemente escolhidas, à frente da educação e da literacia mediática (29 %).
- Sete em cada dez europeus estão preocupados com os riscos que as crianças enfrentam em linha, desde o ciberassédio ou o assédio (71 %) ao aliciamento em linha ou à exploração sexual (70 %). A maioria está preocupada com todos os riscos em todos os Estados-Membros.
- 63 % dos europeus querem regras vinculativas a nível da UE que restrinjam o acesso das crianças às redes sociais por idade: 36 % são a favor de uma proibição total abaixo de uma determinada idade e 27 % são a favor de um acesso diferido. O apoio é superior a 50 % em todos os Estados-Membros.

Perceções da democracia e do Estado de direito

- A liberdade de expressão (34 %), a realização de eleições livres e justas (32 %) e o respeito

pelo Estado de direito e pelos direitos fundamentais (31 %) são considerados os pilares mais importantes da democracia na UE.

- 51 % dos europeus estão satisfeitos com o respeito pelo Estado de direito no seu próprio país, contra 47 % a nível da UE (igualmente 47 % insatisfeitos). A satisfação nacional varia entre 91 % no Luxemburgo e 29 % na Bulgária.
- Nenhuma forma de acção cidadã para além das eleições é considerada eficaz pela maioria: a participação direta dos cidadãos (por exemplo, uma iniciativa de cidadania europeia) está no topo da lista, com 46 %, ao passo que ser membro de uma associação ou ONG é considerado a ação menos eficaz (35 %).

A crise energética

- O desenvolvimento de mais capacidade de energias renováveis é a principal medida que os europeus associam à transição da UE para longe dos combustíveis fósseis, citada em primeiro lugar por 35 % e, no total, por 56 %, muito à frente das medidas de eficiência energética (40 %) e das soluções nucleares (32 %).
- Perante o aumento dos preços da energia, os europeus ajustam principalmente o seu comportamento em vez de investirem em soluções estruturais: 31 % reduziram o seu consumo global de eletricidade e 27 % monitorizaram mais de perto o seu consumo de energia, em comparação com apenas 16 % que investiram em aparelhos eficientes e 14 % que instalaram soluções renováveis. 11 % não tomaram qualquer medida.

Comércio: diversificação e cooperação a nível da UE

- 65 % dos europeus concordam que a UE deve reforçar a sua independência económica diversificando as suas relações comerciais e 62 % consideram que os Estados-Membros obtêm melhores resultados negociando em conjunto a nível da UE. A maioria apoia

Eurobarómetro Flash

Desafios e prioridades da UE

ambas as declarações em todos os Estados-Membros.

- A confiança na UE é o principal motor do apoio: o acordo de cooperação comercial a nível da UE é de 72 % entre os que confiam na UE, contra 49 % entre os que não confiam.

Perceção dos principais desafios e prioridades da UE

- O custo de vida (39 %) continua a ser a principal preocupação dos europeus, antes da guerra na Ucrânia (33 %) e da migração irregular (32 %). Desde setembro de 2025, a preocupação com o custo de vida aumentou (+10 pontos percentuais), enquanto a preocupação com a guerra na Ucrânia diminuiu (-14 pontos percentuais).
- Questionados sobre o que a UE deve dar prioridade, os europeus colocam a migração irregular (25 %) e a segurança e defesa (24 %) imediatamente à frente das alterações

climáticas (21 %) e da guerra na Ucrânia (20 %), numa classificação muito mais bem agrupada do que para os principais desafios da UE.

Segurança e defesa da UE

- 52 % dos europeus concordam que a segurança do seu país está ameaçada, uma diminuição de 16 pontos percentuais desde janeiro de 2026. Apesar deste declínio, 68 % concordam que a UE deve reforçar a sua capacidade de se defender autonomamente, uma maioria em todos os Estados-Membros.
- 56 % dos europeus confiam na UE para reforçar a segurança e a defesa e proteger melhor os seus cidadãos, um aumento de 4 pontos desde janeiro de 2026, uma maioria menor do que o apoio ao princípio da defesa autónoma da UE.

1. Exposição e riscos que as crianças enfrentam nas redes sociais

1.1 Exposição e respostas a informações falsas e enganosas em linha

Na prática, a maioria dos europeus depara-se semanalmente com conteúdos de fiabilidade duvidosa

Na prática, a exposição a conteúdos em linha de fiabilidade duvidosa é generalizada. A questão submetida apenas nos últimos sete dias, uma janela curta, e, no entanto, mais de um em cada dois europeus (58 %) deparou-se com conteúdos que não tinham a certeza de serem fiáveis, incluindo cerca de um em cada cinco (22 %) numa base diária ou quase diária. Uma percentagem semelhante (57%) deparou-se com conteúdos que acreditavam ser falsos ou enganosos, mais uma vez cerca de um em cada cinco (21%) todos os dias ou quase todos os dias. A exposição percebida à ingerência estrangeira é um pouco menos generalizada, mas está longe de ser marginal: 42% depararam-se com conteúdo que acreditavam ser parte de uma tentativa de um país ou organização estrangeira de influenciar sua opinião. Embora permaneça abaixo da marca dos 50%, continua a ser uma proporção muito significativa.

A frequência da exposição varia em toda a UE, mas os países que comunicam a exposição mais frequente tendem a fazê-lo nos três elementos de uma só vez. A exposição regular, pelo menos uma vez por semana, a conteúdos de fiabilidade duvidosa é mais elevada nos Estados bálticos, na Croácia, na Grécia e na Roménia, onde varia entre cerca de 65 % e 72 %, e mais baixa em França (50 %), na Alemanha (52 %), nos Países Baixos (53 %) e na Bélgica (54 %). A classificação é quase idêntica para o conteúdo que os entrevistados acreditavam ser falso ou enganoso.

A exposição percebida à interferência estrangeira se destaca. Neste caso, surge um padrão geográfico claro, uma vez que os países que comunicam a exposição mais frequente são os que se encontram no flanco oriental da UE, mais próximo da Rússia. Pelo menos uma vez por semana, 55 % dos inquiridos na Estónia, 54 % na Letónia, 52 % na Lituânia, 50 % na Roménia e 49 % na Polónia depararam-se com conteúdos que consideram poderem fazer parte de uma tentativa de um país ou organização estrangeiros de influenciar a opinião

Q13 Nos últimos sete dias, com que frequência deparou-se com informações online que...

Several times a week

■ Diariamente ou quase todos os dias ■ Várias vezes por semana ■ Menos frequentemente ■ Nunca ■ Não sei

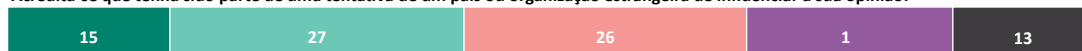
Não tinha a certeza se era fiável



Pensa-se que é falso ou enganoso



Acredita-se que tenha sido parte de uma tentativa de um país ou organização estrangeira de influenciar a sua opinião.



A dúvida sobre a informação é geral, mas a interferência estrangeira percebida é mais alta no flanco oriental

pública, em comparação com uma média da UE-27 de 42 %. A exposição é mais baixa nos Países Baixos e na Bélgica (ambos 35 %), em França (37 %) e na Alemanha (38 %). A lacuna é ainda maior no que diz

respeito à resposta contrária: cerca de um em cada quatro inquiridos na Alemanha e nos Países Baixos afirma nunca encontrar tal conteúdo, contra cerca de um em cada oito nos Estados bálticos. Vários países onde a dúvida geral sobre a informação é elevada, como a Croácia e a Grécia, referem, no entanto, uma exposição muito menor à ingerência estrangeira (45 % e 44 %), o que sugere que o amplo ceticismo em relação aos conteúdos em linha não se traduz automaticamente num sentimento de manipulação estrangeira deliberada.

A exposição frequente é impulsionada sobretudo pela utilização das redes sociais e, por conseguinte, pela idade

A forma como esta exposição é distribuída segue uma lógica bastante simples: quanto mais uma pessoa utiliza as redes sociais para se manter informada, maior é a probabilidade de se deparar com conteúdos que considera não fiáveis. A utilização das redes sociais para fins informativos é, de longe, o fator mais forte. Os utilizadores diários referem uma exposição semanal a conteúdos de fiabilidade duvidosa muito mais frequentemente do que os não utilizadores (63 % contra 34 %) e a diferença é ainda maior no que diz respeito à perceção de ingerência estrangeira (48 % contra 17 %, com 41 % dos não utilizadores a afirmar que nunca se depararam com tais conteúdos). Está também presente um efeito da idade, embora seja provável que esteja em parte relacionado com a utilização das redes sociais, uma vez que os jovens são os utilizadores mais pesados destas plataformas. Os inquiridos com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos são os mais suscetíveis de comunicar exposição frequente, com 71 % para conteúdos de fiabilidade duvidosa e 53 % para suspeitas de interferência estrangeira, em comparação com 51 % e 32 %, respetivamente, entre os inquiridos com idade igual ou superior a 55 anos. Esta é a imagem espelhada do padrão visto pela preocupação com os riscos enfrentados pelas crianças, onde os idosos entrevistados se destacaram. As outras variáveis apontam na mesma direção. Os inquiridos que não exercem uma atividade profissional, na sua maioria reformados, estão entre os menos expostos (51 % e 32 %), ao

passo que o género, a educação e a área de residência fazem pouca diferença.

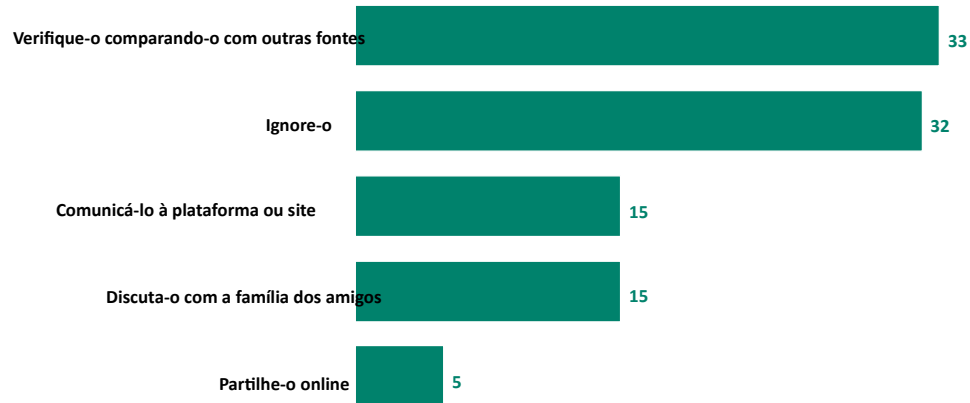
Os europeus estão divididos entre verificar conteúdos suspeitos e simplesmente ignorá-los

Quando se deparam com informações que consideram falsas ou enganosas, os europeus dividem-se entre duas reações muito diferentes de peso quase igual. Um terceiro verifica as informações comparando-as com outras fontes (33%), enquanto quase tantos simplesmente as ignoram (32%). A verificação é, portanto, a resposta mais comum, mas apenas por uma margem estreita sobre a desvinculação. As outras reações são menos frequentes: 15% reportam o conteúdo à plataforma ou website, e a mesma percentagem (15%) discute-o com amigos ou familiares. Muito poucos inquiridos afirmam partilhá-lo em linha (5 %), o que sugere que a propagação ativa de conteúdos considerados falsos continua a ser limitada.

Eurobarómetro Flash

Desafios e prioridades da UE

P14 Quando se depara com informações online que pensa serem falsas ou enganosas, o que costuma fazer (Múltiplas respostas possíveis)



O equilíbrio entre verificar e ignorar varia muito entre os países

Embora a verificação e o desconhecimento estejam quase ligados a nível da UE, o equilíbrio entre os dois difere acentuadamente entre os Estados-Membros. A percentagem que verifica as informações em relação a outras fontes é bastante estável, mas a percentagem que simplesmente as ignora varia entre cerca de um em cada cinco e mais de quatro em cada dez. A verificação prevalece claramente na Estónia (controlo de 40 % contra 22 % ignorar), bem como na Polónia, na Áustria e na Roménia, ao passo que ignorar domina na Dinamarca (controlo de 41 % contra 24 %), na Croácia (controlo de 44 % contra 28 %), nos Países Baixos (controlo de 42 % contra 27 %) e na Irlanda (controlo de 40 % contra 27 %). A propensão para comunicar conteúdos à plataforma também varia, de cerca de 10 % na Finlândia e na Letónia a mais de 20 % em Portugal, Chipre e Roménia.

Os europeus dão prioridade a medidas mais firmes e assentes em regras em detrimento de medidas mais flexíveis

Questionados sobre as medidas que devem ser prioritárias para reduzir o impacto negativo das informações falsas ou enganosas em linha e sobre a possibilidade de escolher até duas, os europeus dão prioridade a medidas mais firmes e baseadas em regras. Os quatro mais frequentemente escolhidos

são todos de natureza regulamentar e agrupam-se estreitamente: sanções mais rigorosas contra os conteúdos ilegais em linha (44 %), regras mais rigorosas para as plataformas em linha e as redes sociais (40 %), uma rotulagem clara dos conteúdos gerados ou manipulados por IA (38 %) e um limite mínimo de idade para o acesso às redes sociais (37 %). As medidas que dependem da capacitação dos cidadãos são inferiores: mais educação e literacia mediática, bem como uma verificação de factos mais independente, são escolhidos por 29 %. Quase ninguém considera que não são necessárias medidas adicionais (3 %), o que aponta para uma procura quase universal de ação.

Eurobarómetro Flash
Desafios e prioridades da UE

As medidas regulamentares estão na origem em quase todos os Estados-Membros

Q15 Qual das seguintes medidas, se for caso disso, deve ser considerada prioritária para reduzir o impacto negativo de informações falsas ou enganosas em linha ? (Múltiplas respostas possíveis, no máximo 2)



A preferência por medidas regulamentares verifica-se em toda a União Europeia. O reforço das sanções contra os conteúdos ilegais em linha e o reforço das regras aplicáveis às plataformas em linha e de redes sociais estão entre as medidas mais frequentemente escolhidas em quase todos os Estados-Membros. O apoio ao reforço das sanções é mais elevado em Portugal (52 %), França (50 %), Espanha e Roménia (ambos 49 %) e mais baixo na Letónia (31 %). As medidas que assentam na capacitação dos cidadãos, nomeadamente uma maior educação e literacia mediática e uma verificação de factos mais independente, têm uma classificação mais baixa na maioria dos países. Em todo o lado, apenas uma pequena minoria considera que não são necessárias medidas adicionais.

1.2 Os riscos que as crianças enfrentam em linha e a sua proteção

Uma grande e intensa preocupação com os riscos

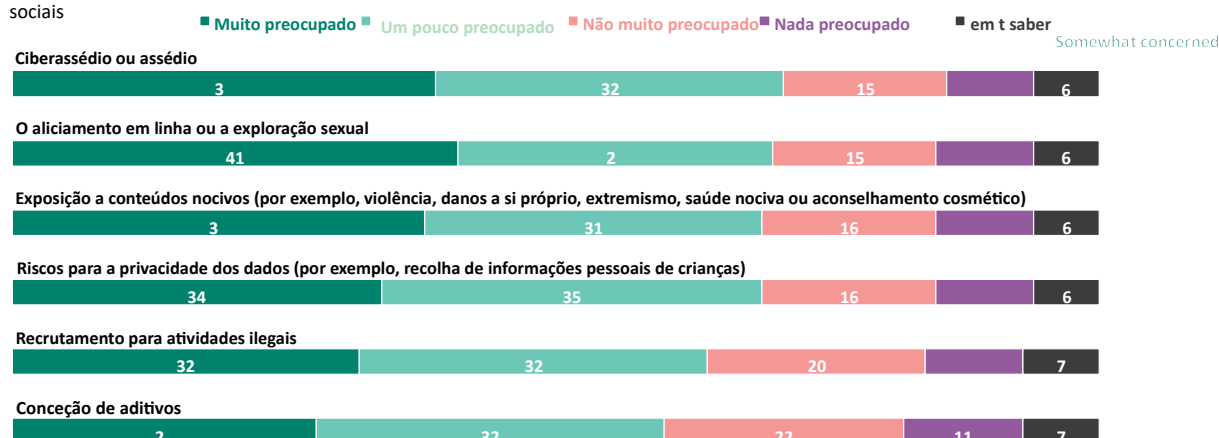
Os resultados mostram que uma grande parte dos europeus está preocupada com os vários riscos que as crianças podem enfrentar nas redes sociais. Para cada um dos riscos testados, cerca de sete em cada dez inquiridos afirmam estar preocupados e os níveis medidos estão globalmente bastante próximos uns dos outros. A preocupação é mais elevada no que diz respeito ao ciberassédio ou ao assédio (71 %) e ao aliciamento em linha ou à exploração sexual (70 %), seguidos da exposição a conteúdos nocivos como a violência, a automutilação ou o extremismo (69 %) e dos riscos para a privacidade dos dados (69 %). É ligeiramente inferior, embora ainda partilhada por uma clara maioria, no recrutamento para atividades ilegais (64 %) e na conceção de plataformas que criam dependência (60 %). Igualmente notável é a intensidade desta preocupação. A percentagem de inquiridos que dizem estar «muito preocupados», e não apenas «um pouco preocupados», é substancial. Quase quatro em cada dez europeus estão muito preocupados com o aliciamento em linha ou a exploração sexual (41 %), o ciberassédio ou o assédio (39 %) e a exposição a conteúdos nocivos (38 %). A percentagem é ligeiramente inferior no caso dos riscos para a privacidade dos

dados (34 %), do recrutamento para atividades ilegais (32 %) e da conceção que cria dependência (28 %), mas continua a ser elevada em termos absolutos. Vale a pena sublinhar que esta questão foi colocada a todos os europeus, e não apenas aos pais, o que torna a amplitude da preocupação ainda mais marcante. Por último, apenas 6 % a 7 % dos inquiridos respondem «não sei» por qualquer risco, o que demonstra que os europeus são facilmente capazes de se posicionar sobre estas questões.

A maioria está em causa em todos os Estados-Membros da UE

Em todos os Estados-Membros, a maioria dos inquiridos está preocupada com cada um dos riscos testados. Mesmo nos países em que a preocupação é mais baixa, como a Bélgica, a Alemanha, a França, a Hungria e a Áustria, cerca de seis em cada dez inquiridos estão preocupados com cada risco. Nenhum público nacional se destaca, portanto, como amplamente despreocupado, e as diferenças observadas entre os países são, acima de tudo, diferenças de grau. A preocupação é maior em vários Estados-Membros do sul e do leste, a maioria dos quais de menor dimensão. No que diz respeito à exposição a conteúdos nocivos, a percentagem de inquiridos em causa varia entre 63 % nos Países Baixos e 64 % na Alemanha e na Bélgica e 0 % na Irlanda e 1 % em Portugal, atingindo perto de 0 % em Malta e Chipre. Encontra-se uma propagação

Q11 Quão preocupado está com os seguintes riscos que as crianças enfrentam nas redes sociais



Eurobarómetro Flash

Desafios e prioridades da UE

comparável no aliciamento em linha ou na exploração sexual, de 64 % nos Países Baixos para mais de 90 % em Chipre, e no ciberassédio ou assédio, a preocupação mais partilhada de todas, que vai de 64 % na Alemanha a 95 % em Malta. Alguns países destacam-se em relação a riscos específicos: a preocupação com o recrutamento para atividades ilegais, por exemplo, atinge 72 % na Roménia e na Eslováquia, muito acima da média da UE-27 de 64 %. Entre os seis riscos, os níveis de preocupação nacionais tendem a coexistir: quando os inquiridos estão mais preocupados com um risco, geralmente também estão mais preocupados com os outros. Portugal, a Estónia, a Irlanda e a Lituânia estão acima da média da UE-27 em todos os seis riscos, enquanto a França, a Alemanha, a Bélgica e a Hungria estão abaixo da média em cada um deles. A exceção mais clara é a conceção que cria dependência, que mostra a maior variação entre países, de 50 % em França e 52 % na Suécia a 90 % em Malta. A França e a Suécia estão claramente menos preocupadas com este risco do que com os outros, enquanto a Eslovénia está abaixo da média da UE-27 na maioria dos riscos, mas acima dela na conceção que cria dependência. A preocupação com os perigos em linha mais estabelecidos, como o aliciamento ou o ciberassédio, afigura-se, por conseguinte, mais partilhada em toda a União do que a preocupação com a forma como as plataformas são concebidas para chamar a atenção das crianças.

A idade, muito mais do que o sexo, gera preocupação, com os maiores de 55 anos a serem os mais preocupados

A preocupação com os riscos que as crianças enfrentam online é ligeiramente maior entre as mulheres do que entre os homens, embora a diferença permaneça modesta. As mulheres estão um pouco mais preocupadas do que os homens com o aliciamento em linha ou a exploração sexual (72 % contra 6 %) e com a exposição a conteúdos nocivos (70 % contra 6 %), com lacunas comparáveis em relação aos outros riscos. A diferença mais notável está na idade. Os inquiridos com idade igual ou superior a 55 anos estão significativamente mais preocupados do que os mais jovens, o que se aplica

a todos os riscos testados. Por exemplo, 75 % das pessoas com idade igual ou superior a 55 anos estão preocupadas com a exposição a conteúdos nocivos, 76 % com o aliciamento em linha e o ciberassédio e 75 % com os riscos para a privacidade dos dados, em comparação com 62 %, 64 %, 65 % e 62 %, respetivamente, entre as pessoas com idades compreendidas entre os 25 e os 39 anos. As outras faixas etárias estão bastante próximas umas das outras. É de notar que os jovens entre os 25 e os 39 anos são, de facto, o grupo menos afetado, embora esta faixa etária seja suscetível de incluir uma elevada percentagem de pais de crianças pequenas. Por profissão, os inquiridos que não exercem uma atividade profissional são os mais afetados, com cerca de 75 % da maioria dos riscos. Este resultado é provavelmente em parte confundido com a idade, uma vez que este grupo é em grande parte composto por pessoas mais velhas e reformadas. A composição do agregado familiar aponta na mesma direção. Os inquiridos que não têm crianças com menos de 15 anos estão mais preocupados (72 % a 74 % na maioria dos riscos) do que os que vivem com três ou mais crianças (cerca de 60 %). Mais uma vez, a diferença está, pelo menos em parte, ligada ao efeito da idade, uma vez que os inquiridos mais velhos são menos propensos a ter filhos pequenos a viver em casa.

Uma clara maioria quer regras vinculativas a nível da UE para proteger as crianças em linha

Questionados sobre as medidas que a UE deve tomar para reforçar a proteção das crianças em linha, os europeus são claramente favoráveis a regras vinculativas a nível da UE. As duas opções que envolvem regras a nível da UE são escolhidas por 63 % dos inquiridos: 36 % exigiriam que a UE adotasse regras que impedissem os fornecedores de redes sociais de oferecerem os seus serviços a crianças com menos de uma determinada idade e 27 % exigiriam que os fornecedores atrasassem o acesso das crianças a determinadas plataformas inseguras com menos de uma determinada idade. Muito menos inquiridos recorrem a outras abordagens: 15 % dariam prioridade ao reforço dos recursos afetados à aplicação da lei e apenas 13 %

Eurobarómetro Flash
Desafios e prioridades da UE

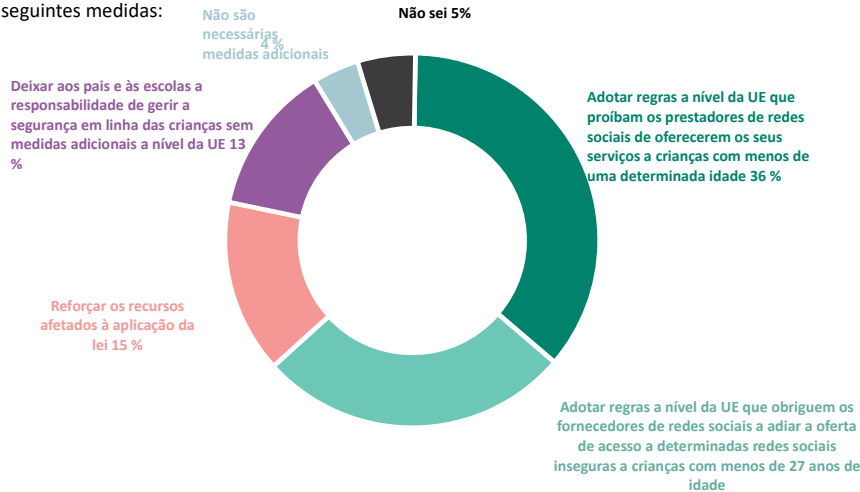
deixariam a questão aos pais e às escolas sem medidas adicionais a nível da UE.

Apenas 4 % consideram que não são necessárias medidas adicionais e 5 % não se pronunciaram.

Eurobarómetro Flash

Desafios e prioridades da UE

Q 12 O Regulamento dos Serviços Digitais exige que as plataformas em linha protejam melhor as crianças contra danos, que podem resultar, por exemplo, do ciberassédio, do aliciamento, da exposição a material violento/extremista, da conceção viciante ou das chamadas «buracos de coelho». A fim de reforçar ainda mais a proteção das crianças em linha, considera que a UE deve tomar uma das seguintes medidas:



O apoio às regras da UE é partilhado em todo o lado, com diferenças mais acentuadas em relação a uma proibição total

A preferência por regras a nível da UE é partilhada por uma maioria em todos os Estados-Membros. Em conjunto, as duas opções que envolvem regras a nível da UE são apoiadas por, pelo menos, uma maioria em todo o lado, de 54 % na Áustria a cerca de 70 % ou mais em vários países do sul e do leste, como a Grécia (74 %), bem como Portugal e a Roménia (ambos 72 %). Por conseguinte, o apoio à ação da UE para proteger as crianças em linha é, de um modo geral, consensual em toda a União Europeia. No entanto, as diferenças são mais acentuadas no que diz respeito à opção de uma proibição total, ou seja, as regras da UE que impedem os prestadores de redes sociais de oferecerem os seus serviços a crianças com menos de uma determinada idade. Esta opção varia entre 27 % na Áustria e 28 % na Alemanha, 44 % na Irlanda, Portugal, Roménia, Eslováquia e Bulgária e 49 % na Grécia. O contraste reflete uma diferença no instrumento preferido e não no nível global de apoio. Em alguns países, a opinião inclina-se para uma proibição total, como na Grécia (49 %, contra 25 % para o acesso diferido), na Irlanda (44 % contra 19 %) e na Bulgária (44 % contra 23 %). Noutros, é favorável a uma abordagem mais gradual baseada no adiamento do acesso, como na Estónia (41 %

para o atraso contra 30 % para uma proibição) e na Eslovénia (39 % contra 30 %).

O apoio a uma proibição total cresce com a idade e entre as pessoas mais afastadas das redes sociais

O apoio às regras a nível da UE é estável entre os grupos sociais, situando-se entre cerca de 56 % e 69 % em quase todos eles, o que confirma, a nível individual, o consenso já observado entre os países. Tal como acontece com os países, as diferenças surgem na escolha do instrumento e, acima de tudo, no apoio a uma proibição total. Este apoio aumenta de forma constante com a idade, passando de 29 % entre os inquiridos com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos para 43 % entre os inquiridos com idade igual ou superior a 55 anos. Os inquiridos mais velhos também estão menos inclinados a deixar a questão aos pais e às escolas (11%, contra 18% dos mais jovens). O contraste mais acentuado, no entanto, está relacionado com a utilização das redes sociais: os não utilizadores são os que mais apoiam uma proibição total (46 %) e os que menos tendem a deixá-la aos pais e às escolas (6 %), ao passo que quanto mais uma pessoa utiliza as redes sociais para obter informações, mais se inclinam para o acesso diferido em vez da proibição. A presença de crianças reforça o padrão etário. Os inquiridos que não têm crianças com menos de 15 anos são mais favoráveis a uma proibição total (39%) do que os que vivem

Eurobarómetro Flash
Desafios e prioridades da UE

com três ou mais crianças (29%), que se inclinam um pouco mais para o atraso no acesso. O género, a educação e a área de residência, pelo contrário, fazem pouca diferença.

2. Perceções da democracia e do Estado de direito

2.1 Identificação dos pilares da democracia

Quando se trata de identificar os pilares da democracia na UE, a liberdade de expressão surge em primeiro lugar

Cerca de um terço dos europeus identifica a liberdade de expressão (34 %) como o elemento mais importante de uma sociedade democrática, seguida de eleições livres e justas (32 %) e do respeito pelo Estado de direito e pela proteção dos direitos fundamentais (31 %).

Embora as liberdades democráticas fundamentais sejam, de longe, a principal preocupação dos cidadãos, a luta contra a corrupção e a independência das instituições também ocupam um lugar de destaque: luta contra a corrupção (28 %), independência do sistema judicial (26 %), transparência e responsabilização dos dirigentes políticos (26 %).

Estes elementos estão muito à frente das questões relacionadas com o pluralismo democrático e o espaço cívico: participação dos cidadãos no debate público e na tomada de decisões (22 %), bem como liberdade e independência dos meios de comunicação social (21 %).

Os direitos das minorias (14%) e a oposição política (11%) são citados com muito menos frequência.

Os pontos de vista sobre o que é mais importante numa democracia variam entre os Estados-Membros da UE

Embora a liberdade de expressão seja o elemento mais citado a nível da UE, a sua proeminência varia em toda a União Europeia: tende a prevalecer no Noroeste, por exemplo, nos Países Baixos (45 %), na Dinamarca (44 %) e na Suécia (41 %). As eleições livres e justas são as mais citadas pela Letónia (43 %), pela Roménia (42 %) e pela Lituânia (41 %).

Por outro lado, a corrupção pesa mais no sul e no leste: na Bulgária, 50 % dos inquiridos consideram que a luta contra a corrupção é o elemento mais importante de uma democracia, que está muito acima da média da UE (28 %). Do mesmo modo, verificam-se percentagens elevadas em Portugal (46 %), na Croácia (44 %) e na Grécia (42 %).

O respeito pelos direitos das minorias e uma forte oposição para criticar o governo são bastante baixos em todos os Estados-Membros, não excedendo 22 % (Luxemburgo, para os direitos das minorias) e 21 % (Malta, para a oposição), respetivamente.

Q3 Na sua opinião, quais dos seguintes elementos são os mais importantes de uma sociedade democrática?



Eurobarómetro Flash

Desafios e prioridades da UE

Q3 Na sua opinião, quais dos seguintes elementos são os mais importantes de uma sociedade democrática?

Base: UE-27 (%)

	UE27	BE	BG	CZ	DK	DE	EE	IE	EL	ES	FR	HR	IT	CY	LV	LT	LU	HU	MT	NL	AT	PL	PT	RO	SI	SK	FI	SE
Liberdade de expressão	34	38	22	33	44	38	33	32	32	24	36	31	36	29	27	26	32	29	29	45	37	34	25	30	28	30	36	41
Eleições livres e justas	32	33	35	37	36	38	38	37	20	26	26	31	23	21	43	41	28	36	32	43	35	39	28	42	30	32	41	41
Respeito pelo Estado de direito e proteção dos direitos fundamentais	31	26	28	32	32	31	32	28	35	35	29	32	36	33	29	19	35	33	37	23	31	25	36	34	39	36	33	29
Luta contra a corrupção	28	20	50	27	20	17	23	21	42	41	26	44	30	41	31	38	20	31	18	15	24	22	46	40	36	35	20	22
Um sistema judicial independente	26	27	38	25	27	25	24	26	37	31	21	39	22	24	20	20	23	34	26	28	30	34	23	26	28	27	31	21
Transparência e responsabilização dos líderes políticos	26	25	25	25	22	19	28	31	32	35	29	28	29	38	22	35	31	28	32	21	20	22	37	24	26	22	21	20
Liberdade e independência dos meios de comunicação social	21	17	18	24	21	21	26	19	18	19	18	20	22	19	21	26	25	20	25	24	21	31	16	15	27	21	22	26
Os cidadãos podem participar no debate público e na tomada de decisões	22	21	29	19	22	23	29	24	24	20	25	26	22	23	21	25	30	16	24	21	20	20	20	18	27	20	23	24
Respeito pelos direitos das minorias	14	14	5	6	12	14	13	16	10	11	17	8	19	17	10	6	22	11	19	11	11	12	15	9	9	10	12	11
Uma oposição forte capaz de criticar o governo	11	14	9	8	11	15	15	16	13	10	11	11	8	17	14	12	19	8	21	14	9	11	8	10	8	9	11	10

Dados sociodemográficos revelam uma acentuada clivagem geracional na forma como os cidadãos europeus concebem a democracia

Os inquiridos com idade igual ou superior a 55 anos revelam uma maior adesão aos pilares institucionais do Estado de direito: são mais suscetíveis de citar eleições livres e justas (38 % em comparação com 26 % entre os jovens entre os 15 e os 24 anos), respeito e direitos fundamentais (38 % em comparação com 24 %), um sistema judicial independente (33 % em comparação com 18 %) e a luta contra a corrupção (30 % em comparação com 21 %).

Em contrapartida, as gerações mais jovens são favoráveis a uma conceção mais participativa e inclusiva da democracia, atribuindo maior importância ao respeito pelos direitos das minorias

(20 % entre os 15 e os 24 anos, em comparação com apenas 11 % entre as pessoas com idade igual ou superior a 55 anos) e à capacidade dos cidadãos para participar no debate público (24 % em comparação com 21 %).

Este mesmo apego à integridade institucional também se verifica entre os cidadãos que são mais críticos do funcionamento atual da UE: os que estão insatisfeitos com o respeito pelo Estado de direito na UE são mais suscetíveis de classificar a luta contra a corrupção (31 %, em comparação com 25 % entre os que estão satisfeitos).

2.2 Satisfação mista com o Estado de direito a nível nacional e da UE

Os europeus estão divididos quanto ao respeito pelo Estado de direito, em especial a nível da UE

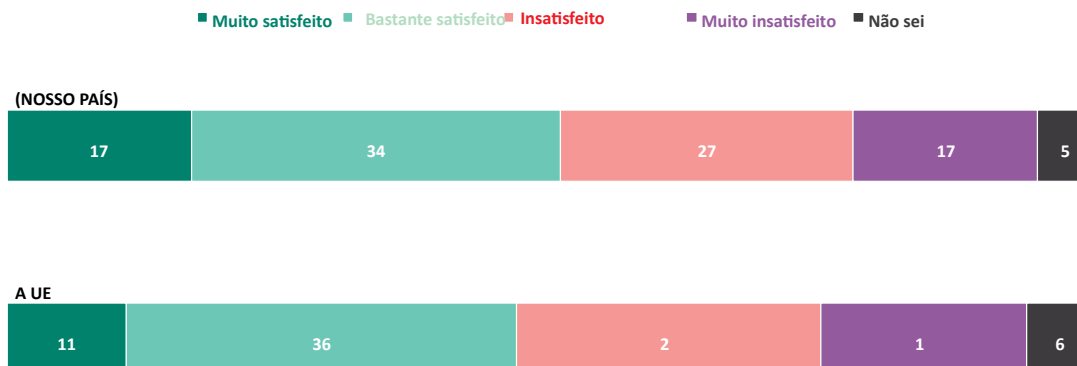
Uma pequena maioria dos europeus está satisfeita com o respeito pelo Estado de direito no seu próprio país (51 %, incluindo 17 % que estão muito satisfeitos e 34 % que estão bastante satisfeitos), em comparação com 44 % que estão insatisfeitos (27 % bastante insatisfeitos e 17 % muito insatisfeitos).

As opiniões dividem-se mais uniformemente no que diz respeito ao nível da UE: 47 % dos europeus estão satisfeitos com o respeito pelo Estado de direito na UE (11 % muito satisfeitos, 36 % bastante satisfeitos), contra uma percentagem igual de 47 % que estão insatisfeitos (28 % bastante insatisfeitos, 19 % muito insatisfeitos), o que sugere que os cidadãos são um pouco mais críticos em relação ao Estado de direito a nível da UE do que no seu próprio país.

nacional. Dinamarca (71 % satisfeitos: 43 % muito satisfeitos, 28 % bastante satisfeitos) e Estónia (70 %: 32 % muito satisfeitos, 38 % bastante satisfeitos) também revelam uma perceção particularmente positiva. Estes cinco países destacam-se pela sua percentagem particularmente elevada de cidadãos "muito satisfeitos" (respetivamente 54%, 46%, 37%, 43% e 32%), um nível que não é atingido em nenhuma outra parte da UE, onde esta percentagem não excede 21% (Áustria, Lituânia).

No outro extremo do espectro, a Bulgária (29 % satisfeitos globalmente: 12 % muito satisfeitos, 17 % bastante satisfeitos, contra 66 % insatisfeitos), Croácia (32 % satisfeitos: 8 % muito satisfeitos, 24 % bastante satisfeitos, contra 63 % insatisfeitos) e a Grécia (35 % satisfeitos: 13 % muito satisfeitos, 22 % bastante satisfeitos, contra 62 % insatisfeitos) comunicam os níveis mais baixos de confiança no Estado de direito no seu próprio país.

Q4 Globalmente, qual o seu grau de satisfação ou insatisfação com o respeito pelo Estado de direito na



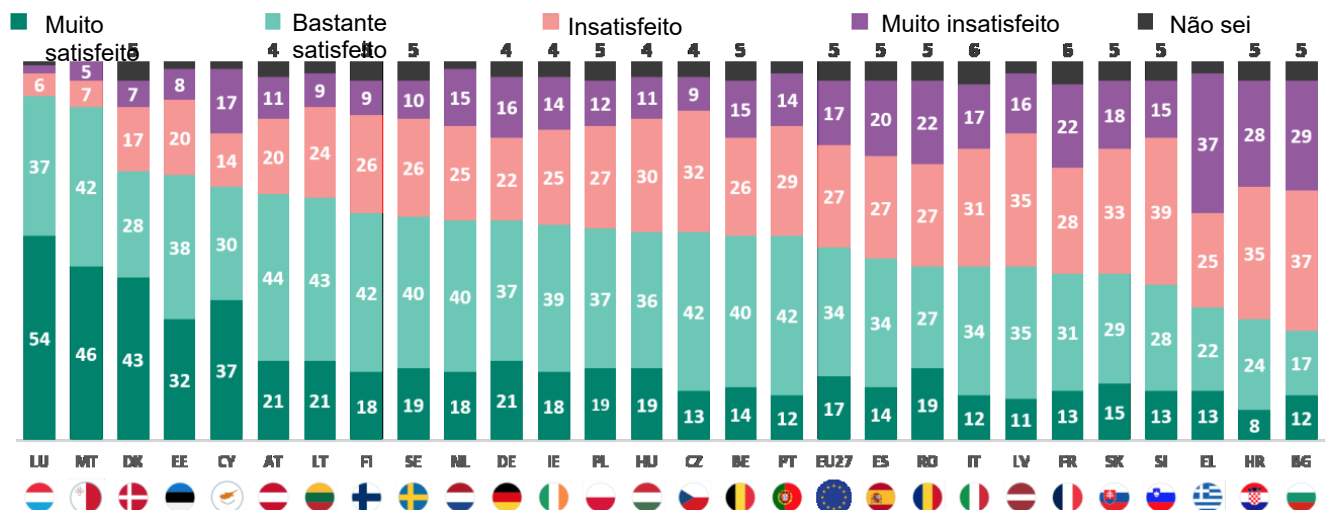
O respeito pelo Estado de direito divide profundamente os Estados-Membros

Os cidadãos europeus estão fortemente divididos quanto à sua perceção do Estado de direito no seu próprio país. Os Estados-Membros mais pequenos destacam-se com pontos de vista particularmente positivos: Luxemburgo (91 % satisfeitos globalmente: 54 % muito satisfeitos, 37 % bastante satisfeitos), Malta (88 %: 46 % muito satisfeitos, 42 % bastante satisfeitos) e Chipre (67 %: 37 % muito satisfeitos, 30 % bastante satisfeitos) todos referem elevados níveis de confiança no Estado de direito

Eurobarómetro Flash Desafios e prioridades da UE

Globalmente, a satisfação total varia entre 1 % em L
uxemburgo e 2 % na Bulgária, o que ilustra a
diferença entre os Estados-Membros em matéria de
Estado de direito.

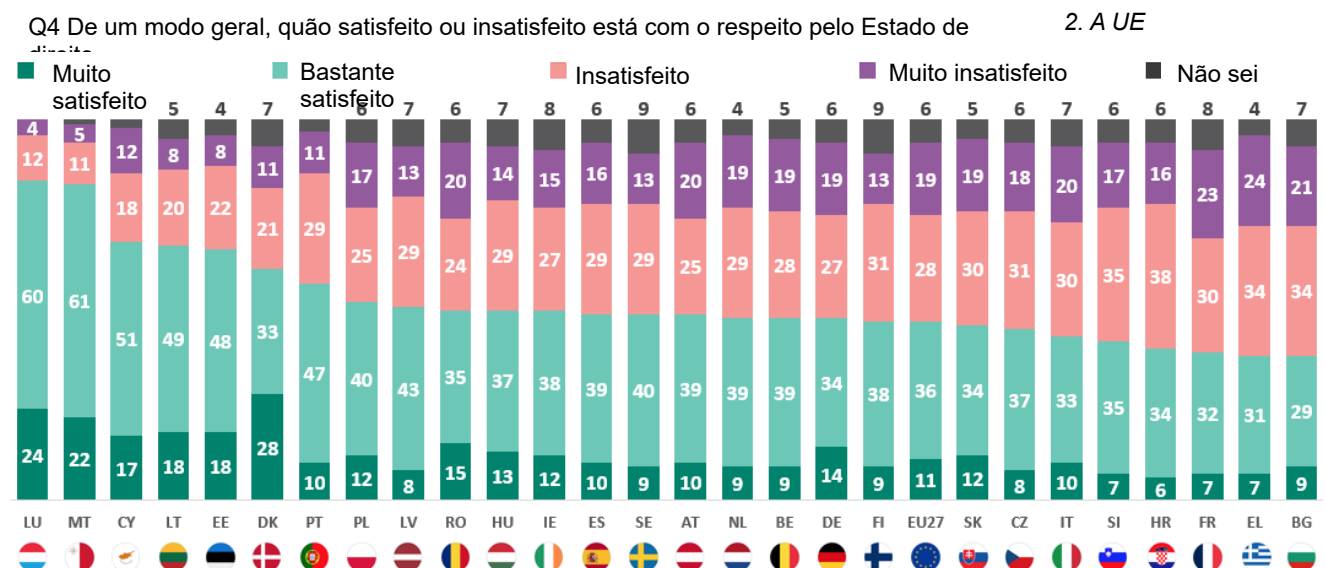
Q4 De um modo geral, quão satisfeito ou insatisfeito está com o respeito pelo Estado de direito... «(NOSSO PAÍS)»



A satisfação a nível nacional e da UE com o Estado de direito tende a convergir

A satisfação com o respeito pelo Estado de direito a nível da UE reflete, de um modo geral, o panorama nacional, embora com um efeito de convergência notável. O Luxemburgo (84 %) e Malta (83 %) continuam a ser, de longe, os países mais satisfeitos, seguidos de Chipre (68 %), da Lituânia (67 %) e da Estónia (66 %), enquanto a Croácia (40 %), a França (39 %), a Grécia e a Bulgária (38 % cada) registam os níveis mais baixos de satisfação, com a Grécia (24 %) e a Bulgária (21 %) a registarem também as percentagens mais elevadas de cidadãos «muito insatisfeitos».

A comparação destes resultados com a satisfação a nível nacional revela um padrão convergente: os

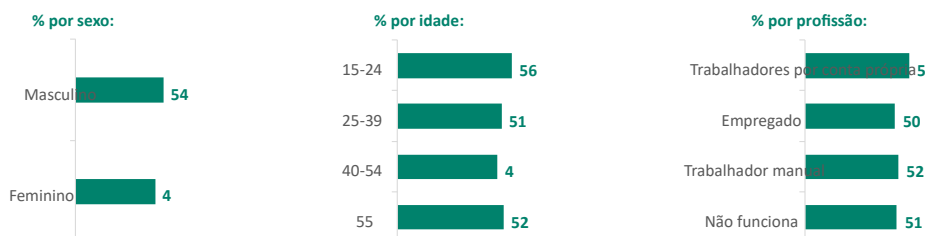


países que estão mais satisfeitos com o Estado de direito no seu próprio país tendem a estar um pouco menos satisfeitos com o mesmo a nível da UE (Luxemburgo: 91 % a nível nacional contra 84 % para a UE; Malta: 88 % contra 83 %; Dinamarca: 71 % contra 61 %), enquanto os países mais críticos do seu próprio Estado de direito parecem estar comparativamente mais satisfeitos com os Estados-Membros da UE (Bulgária: 29 % a nível nacional contra 38 % para a UE; Croácia: 32 % contra 40 %; Grécia: 35 % contra 38 %), o que sugere que a UE é vista, nestes países, como uma referência um pouco mais tranquilizadora.

Contraste com o padrão observado em relação à importância percebida do Estado de Direito em seu país

A satisfação com o respeito pelo Estado de direito também varia de acordo com o perfil sociodemográfico. Os homens (54%) relatam uma satisfação ligeiramente maior do que as mulheres (vs. 49%). A idade mostra um padrão não linear em forma de U: a satisfação é mais elevada entre os 15 e os 24 anos (56 %), diminui de forma constante para o seu ponto mais baixo entre os 40 e os 54 anos (49 %), antes de voltar a aumentar entre as pessoas com idade igual ou superior a 55 anos (52 %). Tal contrasta com o padrão observado no que diz respeito à perceção da importância do Estado de direito (Q3), em que os inquiridos mais velhos foram os mais suscetíveis de o ver como um princípio democrático fundamental. Os trabalhadores por conta própria destacam-se como o grupo profissional mais satisfeito (58 %), à frente dos trabalhadores por conta de outrem (50 %), dos trabalhadores manuais (52 %) e dos que não trabalham (51 %).

Q 4 Globalmente, quão satisfeito ou insatisfeito está com o respeito pelo Estado de direito no **SEU PAÍS** **Totalmente satisfeito**



2.3 Ceticismo em relação à acção dos cidadãos para influenciar o processo de decisão da UE

Os europeus classificam as iniciativas de cidadania e a acção coletiva como as formas mais eficazes de influenciar a UE, para além do voto

A participação em formas mais directas de participação, como uma iniciativa de cidadania europeia, é considerada a acção mais eficaz (46% no total: 12 % muito eficazes, 34 % bastante eficazes), seguidos da participação em movimentos políticos, partidos ou sindicatos (42 % eficazes no total: 11% muito eficaz, 31% bastante eficaz). Ainda assim, cerca de metade dos europeus considera que estas duas ações não são eficazes (42 % e 47 %, respetivamente).

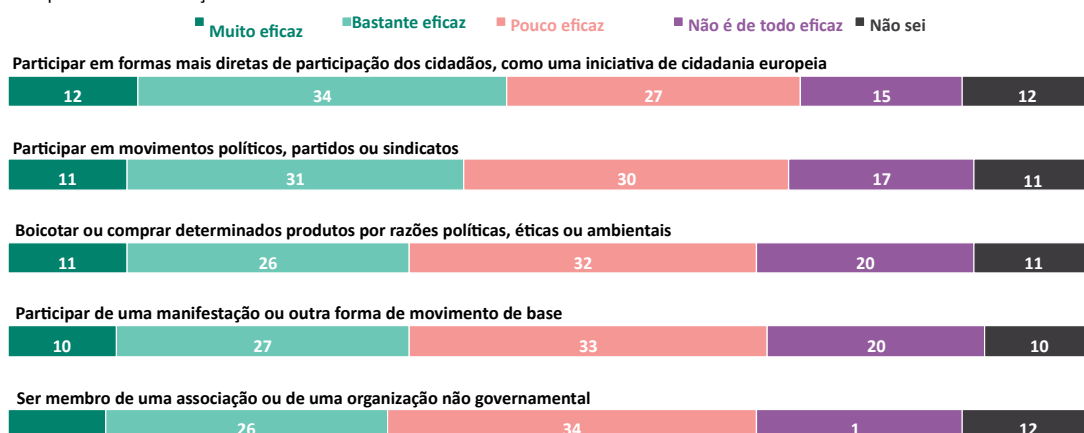
O boicote ou a compra de determinados produtos por razões políticas, éticas ou ambientais e a participação numa manifestação ou noutra forma de movimento de base são considerados eficazes por uma percentagem semelhante de inquiridos (37 % de eficácia total para ambos), ao passo que ser membro de uma associação ou de uma organização não governamental é considerado a ação menos eficaz (35 % de eficácia total: 9% muito eficaz, 26% bastante eficaz), e o mais frequentemente visto como não eficaz em tudo (53% total não eficaz, incluindo 19% "nada eficaz").

De um modo geral, considera-se que as formas mais coletivas de participação, as iniciativas de cidadania, os movimentos políticos, os partidos e os sindicatos são mais eficazes do que as ações individuais ou baseadas no consumidor, como o boicote ou a participação associativa.

Eurobarómetro Flash

Desafios e prioridades da UE

Q5 Para cada uma das seguintes ações, diga-me se considera eficaz ou não influenciar a tomada de decisões políticas a nível da UE para além das eleições



A confiança na ação dos cidadãos varia muito entre os Estados-Membros

Analisando os resultados a nível nacional, Malta, o Luxemburgo e Chipre destacam-se sistematicamente como os Estados-Membros mais confiantes na eficácia da ação dos cidadãos, em todas as cinco formas de participação testadas, muitas vezes por uma ampla margem em relação à média da UE-27. Por exemplo, 84 % dos inquiridos malteses e 81 % dos luxemburgueses consideram que ser membro de uma associação ou ONG é eficaz, em comparação com apenas 35 % a nível da UE. Tal reflete o padrão observado para a satisfação com o Estado de direito, em que os mesmos três países também obtiveram a classificação mais elevada, o que aponta para um clima mais amplo de confiança institucional e cívica nestes Estados-Membros. No outro extremo do espetro, a França situa-se na parte inferior ou próxima da base da maioria das formas de participação testadas, incluindo movimentos políticos, partidos ou sindicatos (32 %, a percentagem mais baixa da UE) e a participação em manifestações ou movimentos de base (29 %, segundo nível mais baixo).

Os jovens estão mais interessados em pensar que a participação em formas mais diretas de participação dos cidadãos, como uma iniciativa de cidadania europeia, é eficaz para influenciar a UE na tomada de decisões políticas.

O género não parece influenciar as perceções: é igualmente provável que homens e mulheres considerem formas diretas de participação dos cidadãos, como uma iniciativa de cidadania europeia, eficazes para influenciar o processo de decisão da UE (46 % cada).

A idade mostra um padrão menos linear: Os 15-24 anos são os mais propensos a considerar esta forma de participação eficaz (53%), em comparação com 45% entre os 25-39 anos, 43% entre os 40-54 anos e 46% entre os 55 e mais anos, o que significa que a faixa etária mais jovem se destaca, enquanto as outras três faixas etárias estão relativamente próximas umas das outras.

A ocupação revela uma lacuna maior: os inquiridos que trabalham por conta própria são os que têm maior probabilidade de ver a participação dos cidadãos como eficaz (52 %), à frente dos trabalhadores por conta de outrem e dos que não trabalham (46 % cada), enquanto os trabalhadores manuais são os menos convencidos (40 %).

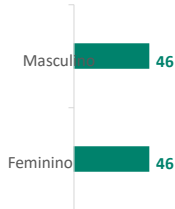
Eurobarómetro Flash

Desafios e prioridades da UE

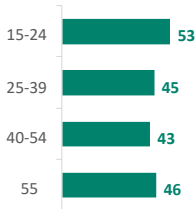
Q5 Para cada uma das seguintes ações, diga-me se considera eficaz ou não influenciar a tomada de decisões políticas a nível da UE para além das eleições

Participar em formas mais diretas de participação dos cidadãos, como uma Iniciativa de Cidadania Europeia Total eficaz

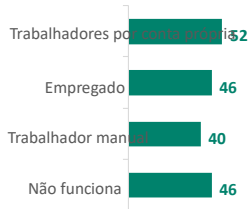
% por sexo:



% por idade:



% por profissão:



3. A crise energética

3.1 Energias renováveis, a principal medida para abandonar os combustíveis fósseis

O desenvolvimento das energias renováveis destaca-se como a principal medida para abandonar os combustíveis fósseis, mencionada por mais de um em cada dois europeus

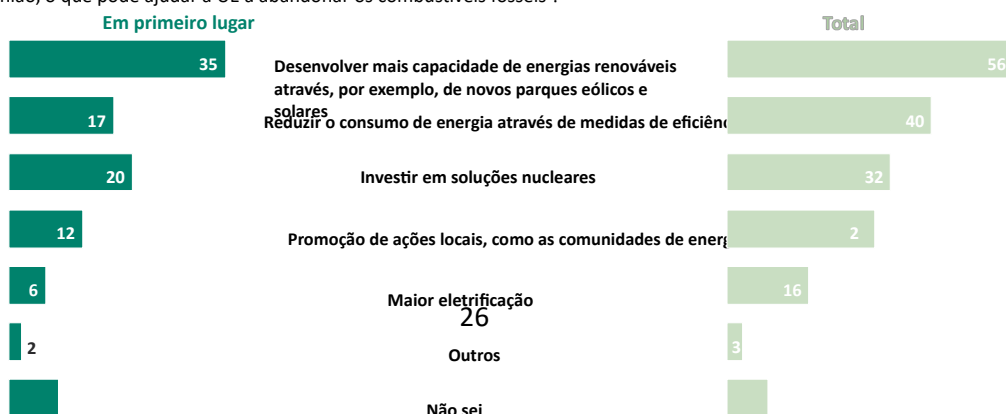
O que surge em primeiro lugar quando os europeus pensam no que pode ajudar a UE a abandonar os combustíveis fósseis é o desenvolvimento de mais capacidade de energias renováveis, através de novos parques eólicos e parques solares, por exemplo (35 %). É também o elemento mais citado em geral (56%), confirmando as energias renováveis como a clara alavanca de liderança nas mentes das pessoas.

A redução do consumo de energia através de medidas de eficiência energética (40 % no total) e o investimento em soluções nucleares (32 %) são as opções seguintes mais citadas, cada uma vista por cerca de um terço a dois em cada cinco europeus como parte da resposta. A promoção de ações locais, como as comunidades de energia (29 %), é também mencionada por cerca de três em cada dez inquiridos, sugerindo uma verdadeira apetência por abordagens mais descentralizadas e orientadas para a comunidade, juntamente com soluções em grande escala. Uma maior eletrificação, pelo contrário, é mencionada com muito menos frequência (16 %), sugerindo que é vista como uma alavanca menos imediata ou menos bem compreendida para abandonar os combustíveis fósseis.

As energias renováveis dominam especialmente na Europa do Sul e do Leste do Mediterrâneo

Analisando os resultados a nível nacional, os motores da transição para os combustíveis fósseis refletem o panorama energético de cada país. O apoio a soluções nucleares como primeira resposta é mais elevado na Polónia (30 %, contra 20 % na UE-27), na Bulgária e na Suécia (25 % cada), e na Eslováquia (24 %), países que já operam ou estão a desenvolver ativamente a capacidade nuclear, ao passo que é mais baixo em Chipre e Malta (10 %), bem como na Hungria e na Irlanda (11 %), nenhum dos quais dispõe de um programa nuclear. A França destaca-se como exceção: apesar da sua dependência de longa data da energia nuclear, 20 % dos inquiridos franceses citam-na em primeiro lugar (o mesmo que a média da UE-27) e, em vez disso, lideram a UE em medidas de eficiência energética (22 %, a par do Luxemburgo, com 23 %) e não em energias renováveis, que mencionam menos do que a maioria dos outros países (30 %). Em contrapartida, a capacidade das energias renováveis domina no sul e no sudeste da Europa, com a Croácia, Malta, Chipre, Hungria e Espanha a citá-la, em primeiro lugar, entre 44 % e 46 %, muito acima da média da UE-27 de 35 %, refletindo provavelmente um potencial solar mais forte. As ações locais de base comunitária também ganham terreno significativo entre a primeira e a segunda menções em quase toda a parte (de 12 % para 22 % a nível da UE-27), sobretudo em Malta (13 % para 29 %) e Chipre (14 % para 28 %), salientando que estas soluções são consideradas um complemento valioso e não uma prioridade máxima. Por último, as respostas «não sei» são mais frequentes nos

Q9 Na sua opinião, o que pode ajudar a UE a abandonar os combustíveis fósseis ?



países nórdicos e bálticos, na Finlândia e na Suécia (12 %), na Bulgária, na Chéquia e na Dinamarca (10 %), em comparação com Malta (1 %), no Luxemburgo (2 %) ou em Espanha e na Irlanda (5 %).

Género e educação moldam as atitudes em relação à energia nuclear mais do que em relação às energias renováveis

Surge também uma clara disparidade de género em torno da energia nuclear, citada por 35 % dos homens no total, em comparação com 29 % das mulheres, ao passo que as opiniões sobre as energias renováveis são globalmente semelhantes entre os géneros.

Os níveis de educação moldam as atitudes em relação à energia nuclear mais do que em relação às energias renováveis: o apoio a soluções nucleares aumenta de 24 % entre as pessoas com o nível de ensino mais baixo para 36 % entre as mais qualificadas, o que representa uma diferença de 12 pontos percentuais, enquanto as energias renováveis variam apenas ligeiramente (52 % para 59 %); os inquiridos com níveis de ensino mais baixos são também significativamente mais propensos a responder «não sei» (11%, contra 5% entre os altamente qualificados).

3.2 Aumento dos preços da energia: reduzir o consumo em vez de mudar a estrutura

Confrontados com o aumento dos preços da energia, os europeus reduzem principalmente o seu consumo em vez de investirem em soluções estruturais

31 % dos europeus afirmam ter reduzido o seu consumo global de eletricidade em resposta ao aumento dos preços da energia após o início da guerra no Irão. A segunda ação mais comum é a monitorização mais rigorosa do seu consumo de energia (27 %), seguida da redução da utilização de aquecimento ou arrefecimento (26 %). O ajustamento do consumo de energia para beneficiar de preços mais baixos ou de horas fora das horas de ponta (20 %) e a alteração dos hábitos de transporte (19 %) também figuram entre as ações mais amplamente comunicadas, demonstrando que os europeus estão a ajustar o seu comportamento em vários domínios para além do aquecimento e da eletricidade.

Em contrapartida, as soluções mais estruturais e muitas vezes mais onerosas ou a mais longo prazo são citadas com muito menos frequência: o investimento em aparelhos energeticamente eficientes (16 %), a comparação ou a mudança de fornecedor ou de contrato de energia (14 %), a instalação de soluções de energias renováveis, como painéis solares (14 %), e a melhoria do isolamento doméstico (13 %) estão muito aquém dos ajustamentos comportamentais acima referidos. As ferramentas digitais para gerir o consumo de

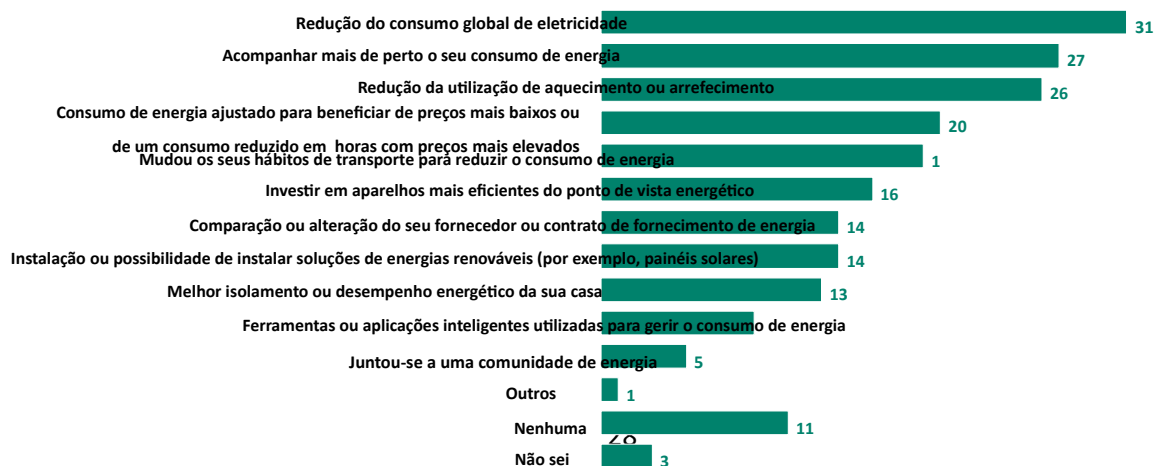
energia (9 %) e aderir a uma comunidade de energia (5 %) são mencionadas com ainda menos frequência, confirmando que as alterações comportamentais do dia-a-dia continuam a ser, de longe, a resposta preferida ao aumento dos preços, antes de qualquer solução baseada no investimento.

Nomeadamente, enquanto 11 % dos europeus afirmam não ter feito qualquer alteração nos seus hábitos de consumo de energia, apenas 3 % afirmam não saber, sugerindo que a maioria dos europeus tem um sentido bastante claro de si, e de que forma, ajustaram o seu comportamento.

Grécia e França são os países que mais reduzem o consumo, enquanto Malta e Luxemburgo são os que mais investem em soluções estruturais

Analisando os resultados a nível nacional, a Grécia e a França destacam-se pela intensidade da sua resposta comportamental, classificando-se entre os principais países em várias medidas ao mesmo tempo: A Grécia lidera a redução do consumo de eletricidade (43 % contra 31 % na UE-27), a redução da utilização de aquecimento ou arrefecimento (36 % contra 26 na UE-27) e a mudança de fornecedor de energia (20 % contra 14 % na UE-27), enquanto a França também está entre os três primeiros países a reduzir o consumo de eletricidade (36 % contra 31 % na UE-27), a reduzir a utilização de aquecimento ou arrefecimento (34 contra 26 % na UE27) e a alterar os hábitos de transporte (27 % contra 19 % na UE27), o que sugere que estes dois países envidaram os esforços globais mais amplos para reduzir a sua utilização de energia.

Q10 Quais, se for o caso, das seguintes medidas tomou em resposta ao aumento dos preços da energia após o início da guerra no Irão (final de fevereiro de 2026), a fim de reduzir o seu consumo de energia de forma mais ativa?



Eurobarómetro Flash
Desafios e prioridades da UE

Malta lidera a lista de ferramentas ou aplicações inteligentes (27 %), isolamento doméstico (25 %), eletrodomésticos energeticamente eficientes (24 %) e adesão a uma comunidade de energia (14 %), com o Luxemburgo a ocupar sistematicamente o segundo ou terceiro lugar nas mesmas rubricas (28 % para a instalação de soluções renováveis, 22 % para ferramentas inteligentes, 13 % para as comunidades de energia), um padrão provavelmente associado ao facto de estes serem países mais pequenos e mais ricos, onde os investimentos a custos mais elevados são mais acessíveis.

No outro extremo do espectro, a Finlândia regista, de longe, a percentagem mais elevada de inquiridos que não tomaram quaisquer medidas (25 %, contra 11 % na UE-27), combinada com algumas das pontuações mais baixas em quase todas as alavancas comportamentais (13 % para reduzir a utilização de aquecimento ou arrefecimento, 9 % para aparelhos eficientes do ponto de vista energético, 2 % para as comunidades de energia), possivelmente refletindo preços da energia já regulamentados ou comparativamente baixos, ou um parque habitacional já eficiente do ponto de vista energético. A Letónia, a Lituânia e a Eslováquia apresentam um perfil globalmente semelhante, com uma elevada percentagem de respostas «Nenhuma» (18-20 %). A Eslovénia e a Croácia destacam-se especificamente no que diz respeito ao ajustamento do consumo de energia para beneficiar de horas fora das horas de ponta, citados por 38 % e 31 % dos inquiridos, respetivamente, muito acima da média da UE-27 de 20 %, apontando para regimes de fixação de preços do tempo de utilização potencialmente mais desenvolvidos ou atrativos nestes dois países.

Por último, a Roménia e a Bulgária combinam um forte empenho na monitorização do consumo (36 % e 24 %) e no investimento em aparelhos ou isolamento eficientes (20-23 %) com uma propensão significativamente baixa para mudar de fornecedor de energia (5 % em ambos os países), o que pode refletir um mercado da energia menos competitivo ou menos acessível.

A idade é um motor do empenho na redução do consumo de energia

As desagregações sociodemográficas revelam um padrão geracional claro na forma como os europeus reagiram ao aumento dos preços da energia: os inquiridos mais velhos (55+) são nitidamente mais propensos a reduzir o seu consumo de eletricidade (38 %, contra 23-24 % entre as pessoas com menos de 40 anos) e a monitorizar mais de perto o seu consumo de energia (32 %, contra 22 %), enquanto os inquiridos mais jovens se destacam pela sua maior utilização de ferramentas ou aplicações inteligentes (13 % entre os 15-24 anos, contra 7 % entre os 55+) e por aderirem a uma comunidade da energia (7 % contra 2 %).

4. Perceção da política comercial e da soberania económica

4.1 Cooperação nas negociações comerciais

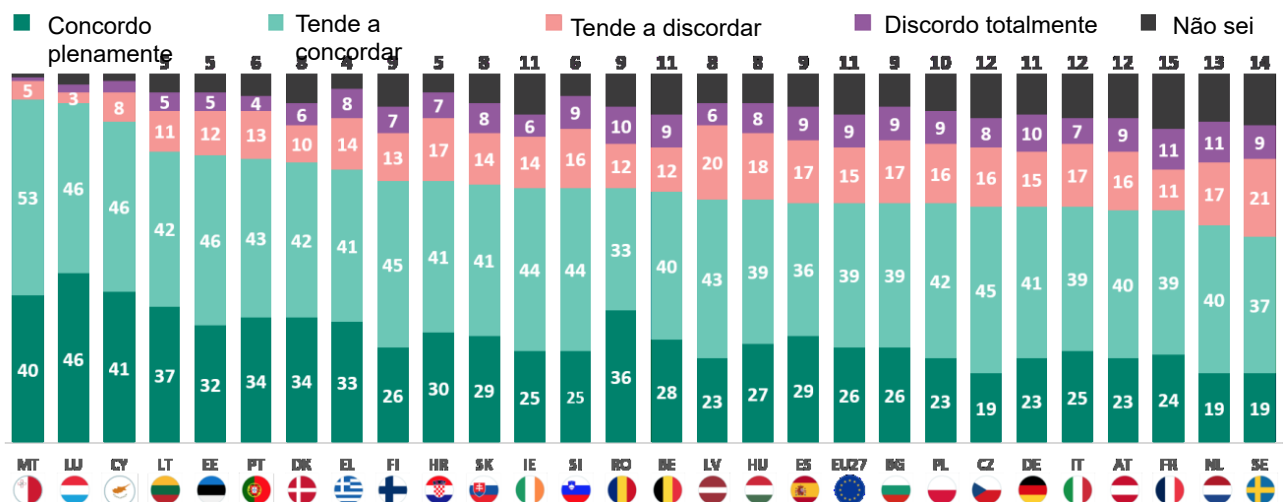
Dois terços dos europeus consideram que a UE deve diversificar o seu comércio e que os Estados-Membros devem negociar melhor em conjunto

65 % dos europeus concordam que a UE deve

Surge um padrão muito semelhante em torno da cooperação a nível da UE em matéria de negociações comerciais: 62 % dos europeus consideram que os Estados-Membros podem obter melhores resultados trabalhando em conjunto a nível da UE (23 % concordam totalmente, 39 % tendem a concordar). 27% discordam (10%

P6 Em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações?

A UE deve reforçar a sua independência económica diversificando as suas relações comerciais

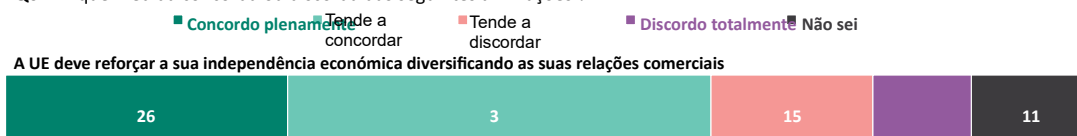


reforçar a sua independência económica diversificando as suas relações comerciais, incluindo 26 % que concordam totalmente e 39 % que tendem a concordar. Apenas 24% discordam (9% discordam totalmente, 15% tendem a discordar), enquanto 11% são incapazes de dizer se isso seria benéfico ou não.

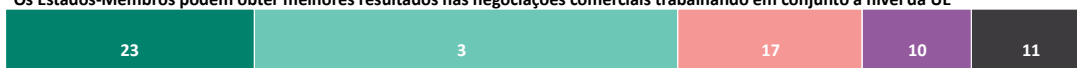
totalmente, 17% tendem a), e, mais uma vez, 11% não têm opinião clara sobre a afirmação.

O nível de apoio é notavelmente consistente em ambas as afirmações: 65 % contra 62 %, uma diferença de apenas 3 pontos e a percentagem de respostas «não sei» é idêntica (11 %), o que aponta para uma visão coerente entre os europeus de que uma abordagem comercial da UE mais autónoma e

Q6 Em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações ?



Os Estados-Membros podem obter melhores resultados nas negociações comerciais trabalhando em conjunto a nível da UE



Eurobarómetro Flash
Desafios e prioridades da UE

mais coordenada anda de mãos dadas, em vez de ser vista como opções concorrentes. A única nuance notável é que a percentagem de inquiridos que "concordam totalmente" é um pouco mais elevada para a diversificação do comércio (26%) do que para a cooperação dos Estados-Membros (23%), sugerindo que a independência económica gera um apoio ligeiramente mais forte e mais decisivo do que a coordenação institucional, embora ambas as ideias exijam um nível global de acordo muito semelhante.

4.2 Diversificação das relações comerciais

O apoio da maioria dos 27 Estados-Membros à diversificação do comércio da UE é mais forte nas pequenas economias abertas e um pouco mais moderado nas economias de maior dimensão

A maioria concorda com esta afirmação em todos os Estados-Membros, variando entre 56 % na Suécia e 93 % em Malta. O apoio é geralmente mais elevado nas economias mais pequenas: Malta (93 %), Luxemburgo (92 %) e Chipre (87 %) lideram a classificação, seguidos da Lituânia (79 %) e da Estónia (78 %). Em contrapartida, os Países Baixos (59%) e a Suécia (56%) registam os níveis mais baixos de acordo, ainda uma maioria, mas visivelmente mais perto de uma divisão uniforme. As economias de maior dimensão situam-se perto ou um pouco abaixo da média da UE-27 (65 %): A Polónia e a Espanha correspondem exatamente (65%), enquanto a Alemanha e a Itália estão em 64% e a França em 63%. Tal sugere que, embora a ideia de diversificação do comércio seja amplamente partilhada em toda a UE, ressoa de forma um pouco menos forte, embora ainda muito sólida, em economias maiores e mais autossuficientes do que em economias mais pequenas e mais dependentes do comércio.

O apoio à cooperação a nível da UE nas negociações comerciais é mais elevado nos Estados-Membros mais pequenos e mais baixo em França

A maioria concorda com esta afirmação em todos os Estados-Membros, embora o nível de apoio varie mais do que no caso da diversificação comercial, variando entre 54 % em França e 92 % em Malta e Chipre. Malta e Chipre (92 % cada) e o Luxemburgo (90 %) situam-se muito acima do resto da UE, seguidos de Portugal (77 %) e da Estónia (76 %), o mesmo grupo de economias mais pequenas que também lideram a diversificação do comércio. As economias de maior dimensão voltam a agrupar-se próximo ou abaixo da média da UE-27 (62 %): A Alemanha e a Espanha igualam-na exatamente (62 %), a Itália situa-se ligeiramente abaixo (61 %) e a França regista o nível mais baixo de acordo em toda

a UE (54 %), o único Estado-Membro em que o apoio é claramente inferior à marca dos 60 %. A Polónia (59 %) e a Chéquia (59 %) também figuram entre os países mais reservados nesta declaração. De um modo geral, o padrão reflete de perto o observado para a diversificação do comércio, com as economias mais pequenas e mais dependentes do comércio a mostrarem a maior apetência pela coordenação a nível da UE e os Estados-Membros de maior dimensão, em particular a França, a manifestarem um apoio comparativamente mais reservado, embora ainda maioritário.

Comparando as duas declarações, o apoio à diversificação do comércio (65 %, em média) é, de um modo geral, ligeiramente superior ao apoio à cooperação a nível da UE em matéria de negociações comerciais (62 %), mas a França mostra, de longe, a maior diferença entre as duas (63 % contra 54 %, uma diferença de 9 pontos percentuais), tornando-se o único país com menos de 60 % no que diz respeito à cooperação. A Dinamarca e a Polónia apresentam um padrão semelhante e mais moderado, enquanto Chipre, a Suécia e a Letónia avançam na direção oposta, concordando ligeiramente mais com a cooperação a nível da UE do que apenas com a diversificação. Na maioria dos outros Estados-Membros, as duas declarações recebem níveis de apoio quase idênticos, sugerindo que as duas ideias são geralmente consideradas complementares e não concorrentes.

A idade e a educação são os fatores sociodemográficos mais coerentes subjacentes ao apoio a uma política comercial da UE mais unida e diversificada

A idade é a variável mais claramente ligada a pontos de vista sobre estas duas afirmações. Os inquiridos com idade igual ou superior a 55 anos apoiam mais do que os grupos etários mais jovens tanto na cooperação a nível da UE nas negociações comerciais (68 %, em comparação com 57 % entre os 25 e os 39 anos) como na diversificação do comércio (71 %, em comparação com 59 % entre os 25 e os 39 anos), o que representa uma diferença de 11 a 12 pontos entre os grupos etários mais reservados e os mais favoráveis. O nível de ensino

Eurobarómetro Flash
Desafios e prioridades da UE

desempenha um papel igualmente claro na cooperação a nível da UE, passando de 56 % entre os que têm um baixo nível de ensino para 66 % entre os que têm um nível de ensino elevado, embora este gradiente seja muito menos pronunciado para a diversificação do comércio (65 % a 69 %, sem um padrão claro). O apoio à cooperação a nível da UE é praticamente idêntico entre homens e mulheres (62 % cada), enquanto os homens são um pouco mais propensos do que as mulheres a apoiar a diversificação comercial (67 % contra 64 %). As diferenças geográficas são modestas, mas consistentes, com os residentes rurais um pouco menos favoráveis do que os moradores da cidade, particularmente para a diversificação do comércio (60% vs. 66%).

5. Perceção dos principais desafios da UE

5.1 Percepções dos europeus sobre os principais desafios da UE

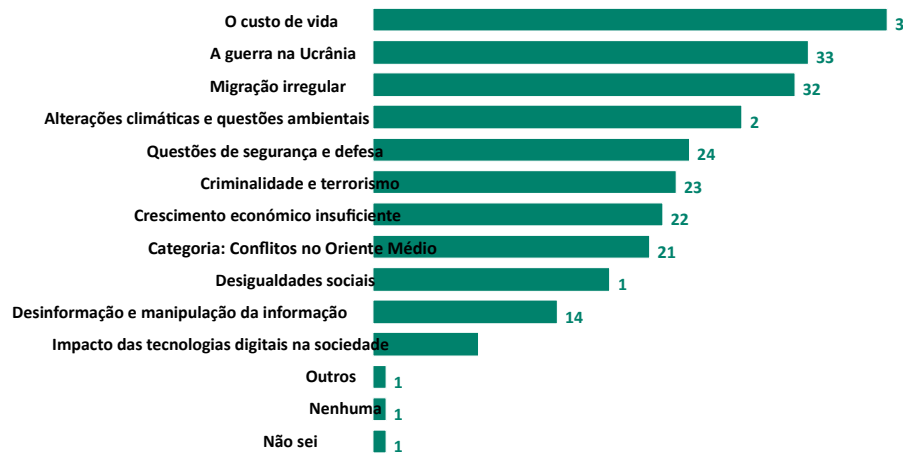
O custo de vida continua a ser a principal preocupação dos europeus, enquanto as questões geopolíticas continuam a dominar a agenda pública

O custo de vida continua a ser o desafio mais frequentemente identificado pelos europeus como uma das principais questões que a União Europeia

enfrenta atualmente (39 %). Embora as preocupações económicas sejam fortes, são agora acompanhadas de perto por questões geopolíticas e relacionadas com a segurança. Cerca de um terço dos inquiridos menciona a guerra na Ucrânia (33 %) e a migração irregular (32 %).

A comparação com o anterior Eurobarómetro Flash, realizado em setembro de 2025, aponta para uma

Q1 Quais dos seguintes aspetos considera serem os principais desafios que a UE enfrenta atualmente? ? (Múltiplas respostas possíveis, máximo 3)



enfrenta atualmente (39 %). Embora as preocupações económicas sejam fortes, são agora acompanhadas de perto por questões geopolíticas e relacionadas com a segurança. Cerca de um terço dos inquiridos menciona a guerra na Ucrânia (33 %) e a migração irregular (32 %).

Um segundo grupo de preocupações reúne entre um quinto e um quarto dos europeus. As alterações climáticas e as questões ambientais (28 %), a segurança e a defesa (24 %), a criminalidade e o terrorismo (23 %), o crescimento económico insuficiente (22 %) e os conflitos no Médio Oriente (21 %) recebem níveis de apoio relativamente semelhantes, o que sugere que os europeus consideram que a UE enfrenta múltiplos desafios simultâneos, em vez de ser dominada por uma única questão. As desigualdades sociais (18 %), a desinformação e a manipulação da informação (14

evolução notável das preocupações do público. O custo de vida tornou-se mais proeminente (+10 pontos), enquanto as preocupações relacionadas com a guerra na Ucrânia diminuíram consideravelmente (14 pontos). A migração irregular também diminuiu ligeiramente (-6 pontos), embora continue a ser um dos três desafios mais frequentemente citados. A perceção dos conflitos no Médio Oriente (+3 pontos), as desigualdades sociais (+1 ponto) e o impacto das tecnologias digitais (+1 ponto) ganharam um pouco mais de visibilidade.

Na maioria dos países, o custo de vida continua a ser uma questão central, mas concorre com outras prioridades em função da situação económica, da posição geográfica e da exposição a pressões migratórias ou de segurança de cada país.

Eurobarómetro Flash

Desafios e prioridades da UE

O custo de vida é particularmente significativo na Irlanda (70 %), muito acima da média da UE, bem como na Grécia (57 %) e na Croácia (52 %). É também referido por percentagens relativamente elevadas de inquiridos em Chipre (46 %), Malta (45 %) e Roménia (44 %). Nestes países, a pressão económica parece dominar a perceção dos cidadãos sobre os desafios que a União Europeia enfrenta atualmente.

Em contrapartida, o custo de vida é referido com muito menos frequência na Lituânia (24 %), na Chéquia (25 %) e na Polónia (28 %). Tal pode sugerir que as preocupações económicas são ofuscadas por outras questões, especialmente a guerra na Ucrânia e, de um modo mais geral, as preocupações relacionadas com a segurança. A guerra na Ucrânia é mencionada com mais frequência na Lituânia (54 %) e na Letónia (48 %), seguidas da Hungria (46 %), bem como da Finlândia e da Chéquia (ambos 45 %). Trata-se de países em que a proximidade geográfica com a Rússia ou a Bielorrússia, ou laços históricos e de segurança mais fortes com o conflito, tornam provavelmente a guerra uma preocupação mais imediata. Em vários destes países, a proeminência da guerra na Ucrânia também é acompanhada de uma maior preocupação com a segurança e a defesa: este é especialmente o caso da Lituânia (47 %), da Finlândia (38 %) e da Polónia (37 %). Os resultados sugerem, por conseguinte, um compromisso claro na hierarquia das preocupações: nos Estados-Membros mais diretamente expostos às consequências geopolíticas da guerra, as questões de segurança tendem a prevalecer sobre as preocupações económicas ou ambientais.

Nos Estados-Membros em que a guerra na Ucrânia é menos evidente, outras preocupações tendem a subir na hierarquia. Isto é particularmente visível em partes do sul da Europa. Na Grécia, apenas 18 % identificam a guerra na Ucrânia como um dos principais desafios da UE, enquanto o custo de vida (57 %) e a migração irregular (45 %) são ambos citados por percentagens muito mais elevadas de inquiridos. A Espanha apresenta um padrão semelhante: a preocupação com a guerra na Ucrânia continua a ser inferior à média da UE (26 %), enquanto a migração irregular é o desafio mais frequentemente mencionado (46 %) e as alterações climáticas também se situam a um nível

relativamente elevado (31 %). Estes exemplos mostram que as prioridades nacionais não refletem simplesmente uma agenda europeia única, mas sim diferentes combinações de preocupações económicas, geopolíticas, ambientais e relacionadas com a migração.

Este contraste é também visível no lugar dado às alterações climáticas e às questões ambientais. A questão continua a ser relativamente proeminente em países como a Dinamarca, a França, o Luxemburgo e a Itália (35 % cada), bem como em Espanha (31 %) e nos Países Baixos e na Suécia (ambos com 30 %). No entanto, é muito menos frequentemente mencionado na Letónia (11 %) e na Lituânia (14 %), onde a guerra na Ucrânia está entre as principais preocupações, e na Roménia (16 %), onde o custo de vida e a desinformação se destacam mais claramente. Por outras palavras, as preocupações ambientais continuam a fazer parte da agenda europeia, mas parecem menos centrais em países onde os cidadãos dão maior prioridade à segurança ou a pressões económicas mais imediatas.

De um modo geral, os resultados por país mostram que os europeus identificam, de um modo geral, o mesmo conjunto de desafios, mas não na mesma ordem. A UE enfrenta um conjunto comum de desafios, mas as perceções dos cidadãos sobre a sua importância relativa continuam a ser fortemente filtradas pelas circunstâncias nacionais.

Eurobarómetro Flash

Desafios e prioridades da UE

Q1 Quais são, na sua opinião, os principais desafios que a UE enfrenta atualmente? [Múltiplas respostas possíveis, máximo 3]																													
	UE 27	BE	BG	CZ	DK	DE	EE	IE	EL	ES	FR	HR	IT	CY	LV	LT	LU	HU	MT	NL	AT	PL	PT	RO	SI	SK	FI	SE	
O custo de vida	39	43	41	25	32	35	46	70	57	42	40	52	43	46	41	24	41	35	45	36	43	28	41	44	43	36	37	30	
A guerra na Ucrânia	33	30	37	45	44	35	41	27	18	26	30	33	28	24	48	54	22	46	32	37	27	40	35	41	30	37	45	38	
Migração irregular	32	23	25	40	26	28	25	36	45	46	31	34	34	41	30	31	25	26	35	33	29	34	37	15	39	32	16	22	
Alterações climáticas e questões ambientais	28	27	18	21	35	25	21	31	22	31	35	23	35	22	11	14	35	31	22	30	29	20	29	16	25	19	25	30	
Questões de segurança e defesa	24	23	18	22	31	24	33	15	20	19	23	26	21	31	31	47	32	19	28	26	18	37	24	27	21	23	38	30	
Criminalidade e terrorismo	23	21	23	22	20	25	18	23	21	25	26	23	22	20	11	10	23	24	18	22	24	21	18	13	18	18	24	40	
Crescimento económico insuficiente	22	25	25	20	11	24	26	10	32	17	20	26	29	21	26	16	17	26	25	11	23	13	22	26	24	28	23	16	
Categoria: Conflitos do Oriente Médio	21	23	25	20	29	19	14	22	21	24	22	18	24	21	16	22	17	16	15	28	15	19	26	18	23	16	17	20	
Desigualdades sociais	18	22	23	13	15	21	24	9	18	17	18	16	18	17	20	17	21	20	17	15	24	14	18	16	14	24	19	17	
Desinformação e manipulação da informação	14	10	21	19	10	11	19	13	14	18	12	17	10	14	22	19	17	8	12	11	11	22	11	26	19	17	12	13	
Impacto das tecnologias digitais na sociedade	8	9	7	8	11	8	11	9	4	7	9	12	9	13	6	7	17	7	17	10	9	9	8	9	14	13	7	8	

As diferenças sociodemográficas continuam a ser relativamente limitadas, embora a idade molde sistematicamente a perceção dos principais desafios da UE

Em comparação com as diferenças observadas entre os Estados-Membros, as variações sociodemográficas continuam a ser relativamente modestas. Na maioria dos grupos, os europeus identificam, de um modo geral, a mesma hierarquia de desafios, com o custo de vida, a guerra na Ucrânia e a migração irregular a emergirem sistematicamente entre as questões mencionadas com mais frequência. Tal sugere que os principais desafios que a União Europeia enfrenta são amplamente partilhados por toda a população, independentemente do género, da formação académica ou do local de residência.

No entanto, a idade surge como a característica sociodemográfica que mais consistentemente diferencia as perceções. Os inquiridos mais velhos tendem a dar maior ênfase às questões geopolíticas e relacionadas com a segurança. As pessoas com idade igual ou superior a 55 anos têm consideravelmente mais probabilidades do que os europeus mais jovens de identificar a guerra na Ucrânia como um dos principais desafios da UE (42 %, em comparação com 25 % entre os inquiridos

com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos e entre os 25 e os 39 anos). São também mais suscetíveis de mencionar a migração irregular (38 % vs. 22 % entre os jovens entre os 15 e os 24 anos), segurança e defesa (28 % contra 20 %) e conflitos no Médio Oriente (24 % contra 18 %).

Os jovens europeus dão maior ênfase aos desafios sociais. Os inquiridos com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos são mais suscetíveis de mencionar as desigualdades sociais (24 %, em comparação com 16 % entre as pessoas com idade igual ou superior a 55 anos) e o impacto das tecnologias digitais na sociedade (11 %, contra 6 % entre os inquiridos mais velhos). As alterações climáticas também continuam a ser ligeiramente mais proeminentes entre os adultos em idade ativa mais velhos e os idosos (32 % entre as pessoas com idade igual ou superior a 55 anos, em comparação com 24 % entre os inquiridos com idades compreendidas entre os 25 e os 39 anos), o que sugere que as preocupações ambientais se estendem agora muito para além das gerações mais jovens.

O custo de vida destaca-se pela notável consistência de preocupação que gera em toda a população. Cerca de quatro em cada dez inquiridos mencionam-no independentemente do género, da

Eurobarómetro Flash
Desafios e prioridades da UE

profissão, da composição do agregado familiar ou da frequência de utilização das redes sociais, com variações limitadas entre os grupos etários (variando entre 36 % entre as pessoas com idade igual ou superior a 55 anos e 43 % entre os inquiridos com idades compreendidas entre os 40 e os 54 anos). Este amplo consenso reforça a sua posição enquanto desafio dominante que a União Europeia enfrenta atualmente.

Nomeadamente, os inquiridos que confiam na UE para reforçar a segurança e a defesa são mais suscetíveis de identificar a guerra na Ucrânia, as alterações climáticas e a segurança e defesa como principais desafios. Em contrapartida, aqueles que não confiam na UE dão maior ênfase ao custo de vida e à migração irregular. Tal sugere que a confiança no papel da UE em matéria de segurança e defesa está associada a diferentes perceções dos desafios que a União Europeia enfrenta.

5.2 Prioridades que os europeus esperam da UE

Migração irregular e segurança e defesa são as principais prioridades que os europeus esperam que a UE aborde, numa classificação rigorosamente agrupada

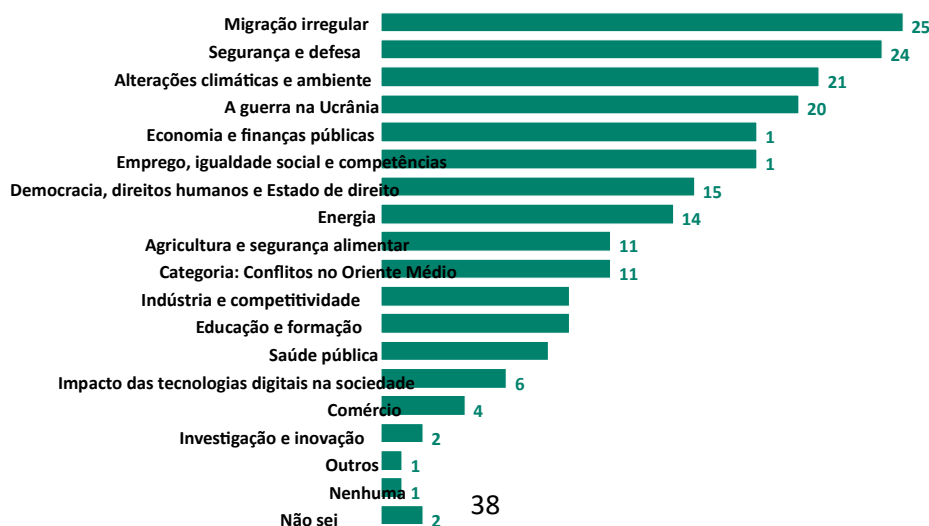
Quando questionados sobre os domínios que a UE deve abordar prioritariamente, os europeus dão a maior prioridade à migração irregular (25 %) e à segurança e defesa (24 %). As alterações climáticas e o ambiente (21 %) e a guerra na Ucrânia (20 %) seguem de perto, confirmando que as principais prioridades esperadas da UE combinam pressões internas, preocupações de segurança externa e desafios ambientais a longo prazo.

Em comparação com a pergunta anterior sobre os principais desafios que a UE enfrenta, a classificação está mais bem agrupada. Nenhuma questão domina claramente a lista de prioridades. Tal sugere que os europeus não esperam que a UE se concentre apenas num domínio principal, mas que atue simultaneamente em várias frentes políticas importantes.

Um segundo grupo de prioridades diz respeito às questões económicas e sociais. A economia, as finanças públicas e o emprego, a igualdade social e as competências são ambos mencionados por 18 % dos inquiridos, enquanto a democracia, os direitos humanos e o Estado de direito são seguidos por 15 % e a energia por 14 %. Estes resultados mostram que as preocupações económicas e sociais continuam a ser importantes, mesmo que sejam menos proeminentes do que na pergunta anterior

sobre os desafios. Outros domínios são mencionados por percentagens mais pequenas de europeus: a agricultura e a segurança alimentar, bem como os conflitos no Médio Oriente, são ambos citados por 11 %, seguidos da indústria e da competitividade, bem como da educação e da formação (9 %), da saúde pública (8 %), do impacto das tecnologias digitais na sociedade (6 %), do comércio (4 %) e da investigação e inovação (2 %). De um modo geral, os resultados apontam para uma agenda ampla, mas prioritária, em que as questões geopolíticas e migratórias imediatas estão ligeiramente à frente das prioridades económicas, institucionais e setoriais.

Q2 Quais dos seguintes domínios considera que a UE deve abordar prioritariamente?



As prioridades nacionais refletem, de um modo geral, os principais desafios identificados em cada país, mas com algumas diferenças de ênfase

A migração irregular é a prioridade da UE mais frequentemente citada em Espanha (3 %), Chipre (34%) e na Grécia (33%), atingindo também níveis elevados em Chipre e na Irlanda (ambos com 32%), nos Países Baixos (31%) e em Portugal (30%). Tal reflete a forte saliência da migração em vários Estados-Membros meridionais, onde a questão já foi identificada como um dos principais desafios que a UE enfrenta.

A segurança e a defesa, juntamente com a guerra na Ucrânia, são particularmente proeminentes nos países situados no flanco oriental e setentrional da União. A segurança e a defesa são mais frequentemente citadas na Lituânia (40 %), na Finlândia (38 %) e na Polónia (37 %), seguidas da Dinamarca e da Estónia (ambos com 33 %) e da Suécia (32 %). A guerra na Ucrânia é também especialmente importante na Lituânia (40 %), bem como na Dinamarca, na Letónia e na Finlândia (todos com 31 %) e na Estónia e na Suécia (ambos com 28 %). Tal como na pergunta anterior, este padrão sugere que a proximidade geográfica com a Rússia ou a Bielorrússia e uma maior exposição às consequências geopolíticas da guerra tornam as questões relacionadas com a segurança mais imediatas.

A relação com a pergunta anterior é menos direta para as preocupações económicas, uma vez que a lista de prioridades da UE não inclui o custo de vida enquanto tal.

Em vez disso, as expectativas económicas são expressas através de domínios como a economia e as finanças públicas ou o emprego, a igualdade social e as competências. A Grécia destaca-se a este respeito, com a economia e as finanças públicas mencionadas por 32 % dos inquiridos, ao passo que esta prioridade também atinge níveis relativamente elevados em Chipre (29 %). O emprego, a igualdade social e as competências são mais frequentemente citados na Eslováquia (26 %), na Letónia (25 %), na Bulgária (24 %) e em Itália (23 %). Tal sugere que, nos países onde as preocupações económicas são particularmente visíveis, as expectativas em relação

à UE não se concentram numa única rubrica, mas estão dispersas por vários domínios de política económica e social.

As alterações climáticas e o ambiente seguem outro padrão. É citado com mais frequência em França (27 %), Itália (26 %) e Dinamarca (25 %), atingindo também níveis relativamente elevados em Malta e na Suécia (ambos com 24 %), bem como na Irlanda e em Portugal (ambos com 23 %). Estes resultados refletem, em termos gerais, a pergunta anterior: as alterações climáticas e o ambiente são muito menos frequentemente mencionados na Letónia (7 %), na Lituânia e na Roménia (10 %) e na Eslováquia (11 %). Quanto à perceção dos principais desafios da UE, as prioridades ambientais afiguram-se menos centrais nos países onde as preocupações de segurança, a guerra na Ucrânia ou as pressões económicas mais imediatas ocupam mais espaço. De um modo geral, os resultados por país revelam uma forte continuidade entre os desafios que os europeus identificam e os domínios que pretendem que a UE aborde.

A idade estrutura as expectativas em relação à ação da UE de forma mais clara do que outras variáveis sociodemográficas.

Os inquiridos mais velhos têm maior probabilidade de dar prioridade a questões relacionadas com a segurança. Entre as pessoas com idade igual ou superior a 55 anos, a migração irregular é mencionada em 31 %, a segurança e a defesa em 29 % e a guerra na Ucrânia em 27 %. Em contrapartida, entre os inquiridos com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos, estes valores são inferiores, situando-se em 16%, 18% e 13%, respetivamente. Tal reflete a pergunta anterior, em que os inquiridos mais velhos também eram mais suscetíveis de identificar a guerra na Ucrânia, a migração irregular e a segurança e defesa como os principais desafios que a UE enfrenta. Os europeus mais jovens, pelo contrário, dão relativamente mais peso às prioridades sociais e institucionais. Os inquiridos com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos são mais suscetíveis de mencionar o emprego, a igualdade social e as competências (23 % contra 14 %), a economia e as finanças públicas (21 % contra 16 %), a educação e a formação (15 %

Eurobarómetro Flash
Desafios e prioridades da UE

contra 6 %) e a democracia, os direitos humanos e o Estado de direito (19 % contra 15 %).

As alterações climáticas e o ambiente não seguem um padrão geracional simples. É referido por 21 % das pessoas com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos, diminui para 15 % entre os inquiridos com idades compreendidas entre os 25 e os 39 anos e aumenta para 25 % entre as pessoas com idade igual ou superior a 55 anos. Tal confirma que as preocupações ambientais não se limitam às gerações mais jovens e que continuam a fazer parte da agenda prioritária da UE em todos os grupos etários, embora com intensidade variável.

As diferenças comportamentais são mais visíveis. Os inquiridos que confiam na UE para reforçar a segurança e a defesa são mais suscetíveis do que os que não confiam na UE de dar prioridade à segurança e à defesa (26 % contra 22 %), à guerra na Ucrânia (23 % contra 16 %) e às alterações climáticas e ao ambiente (23 % contra 17 %). Em contrapartida, aqueles que não confiam na UE para reforçar a segurança e a defesa são consideravelmente mais suscetíveis de dar prioridade à migração irregular (33 % contra 20 %). Estes resultados sugerem que as atitudes mais amplas em relação à UE estão associadas a diferentes expectativas sobre o que a União Europeia deve dar prioridade, mesmo quando a hierarquia geral das preocupações se mantém relativamente estável.

6. Segurança e defesa da UE

6.1 Perceção da ameaça à segurança nacional e apoio à autonomia de defesa da UE

Os europeus sentem-se menos diretamente ameaçados do que no início de 2026, mas continuam a apoiar firmemente uma defesa europeia mais autónoma

Tendo em conta o actual contexto internacional, uma pequena maioria de europeus concorda que a segurança do seu país está ameaçada (52%), incluindo 19% que concordam totalmente e 33% que tendem a concordar. No entanto, este sentimento de insegurança diminuiu acentuadamente em comparação com janeiro de 2026, diminuindo 16 pontos percentuais.

Este declínio não se traduz num menor apoio à capacidade de defesa a nível da UE. Pelo contrário, mais de dois terços dos europeus concordam que a UE deve reforçar a sua capacidade de se defender

grande maioria continua a apoiar o reforço da capacidade de defesa autónoma da UE. Tal reflete as prioridades identificadas na secção anterior, em que a segurança e a defesa figuram entre os principais domínios que os europeus esperam que a UE aborde.

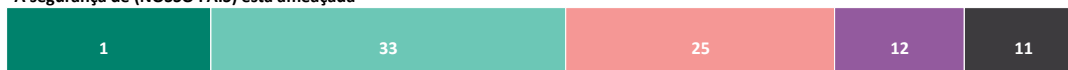
O sentimento de ameaça continua a ser desigual entre os Estados-Membros, ao passo que o apoio à defesa autónoma da UE é amplamente partilhado

Os resultados a nível nacional mostram que a perceção das ameaças à segurança nacional varia substancialmente em toda a UE. Os níveis mais elevados de acordo quanto à ameaça à segurança do país são observados em Chipre (74 %), seguido de Malta (66 %), da Lituânia (65 %), de Luxemburgo (64 %), da Estónia (62 %) e da Alemanha (61 %). Registaram-se também níveis relativamente elevados na Grécia (59 %), na Roménia (58 %), na Alemanha (57 %), bem como em França e na Polónia (ambos com 56 %). Em contrapartida, a

Q7 Em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações ?



A segurança de (NOSSO PAÍS) está ameaçada



autonomamente contra potenciais ameaças externas (6 %), incluindo 32 % que concordam totalmente. Tal sugere que o apoio a uma defesa europeia mais forte não é apenas uma reação a um sentimento imediato de insegurança nacional, mas reflete também uma expectativa mais ampla de que a UE seja capaz de se proteger num ambiente internacional mais incerto.

O contraste entre os dois resultados é importante. Embora menos europeus sintam agora que o seu próprio país está diretamente ameaçado, uma

perceção da ameaça é consideravelmente inferior na Eslovénia (32 %), na Croácia (39 %), na Áustria (42 %), na Hungria (43 %), na Bélgica e na Bulgária (ambos com 44 %), em Itália (45 %) e na Eslováquia (47 %). Nestes países, menos de metade dos inquiridos concorda que a segurança do seu país está ameaçada.

O declínio do sentimento de ameaça em comparação com janeiro de 2026 é visível na maioria dos Estados-Membros. Em vários países, a diminuição é particularmente acentuada,

Eurobarómetro Flash

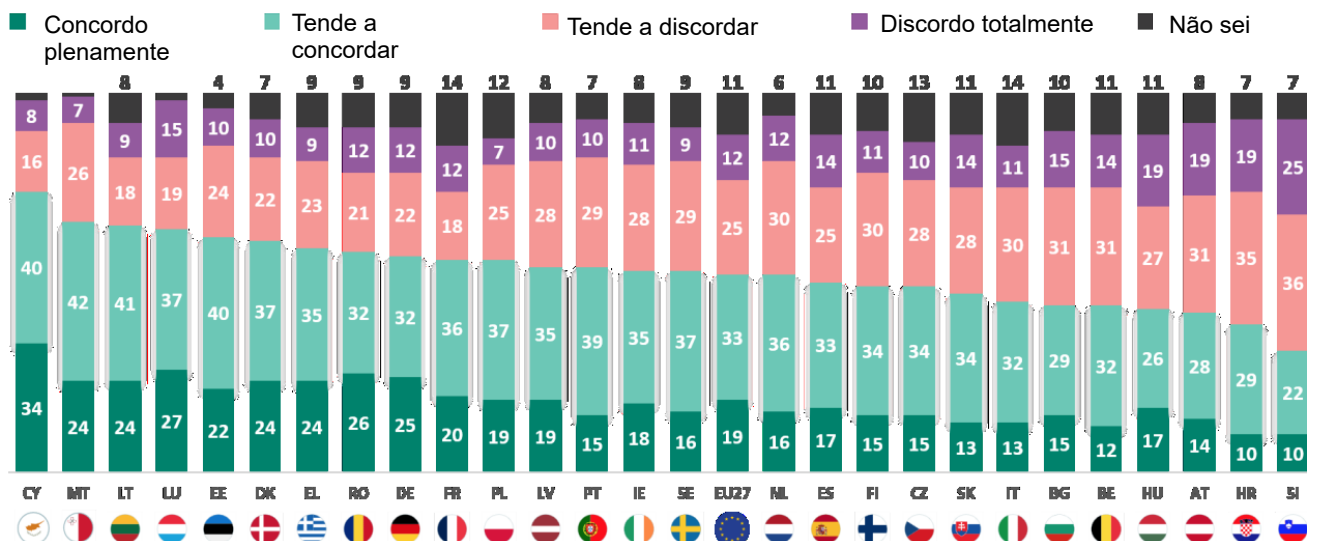
Desafios e prioridades da UE

nomeadamente nos Países Baixos (-25 pontos), em França (-24 pontos), na Bélgica (-21 pontos), em Itália (-19 pontos), bem como na Alemanha e na Suécia (ambos -18 pontos). Tal sugere que a descida acentuada observada a nível da UE não é impulsionada por um pequeno número de países, mas reflete uma maior atenuação da perceção de insegurança em toda a União Europeia. No entanto, o declínio não é uniforme: o sentimento de ameaça permanece quase estável em Chipre (-1 ponto) e até aumenta no Luxemburgo (9 pontos) e em Malta (6 pontos), confirmando que os contextos nacionais continuam a moldar as perceções de segurança.

O apoio à UE para reforçar a sua capacidade de defesa autónoma é muito mais homogéneo. A maioria concorda com esta afirmação em todos os Estados-Membros, variando entre 62 % em Itália e 92 % em Malta. Os níveis mais elevados observam-se em Malta (92 %), no Luxemburgo (91 %) e em Chipre (88 %), seguidos da Dinamarca (80 %), da Estónia (79 %), de Portugal (78 %) e da Lituânia (77 %). Mesmo nos países onde o apoio é mais baixo, continua claramente a ser maioritário, como a Itália (62%), a Polónia (65%), a Áustria e a Eslovénia (ambos com 66%) e a Bulgária e a Suécia (ambos com 67%). Tal mostra que, embora os europeus difiram quanto à forma como se sentem diretamente ameaçados, o apoio ao reforço da capacidade de defesa da UE é uma posição partilhada em toda a União Europeia.

P7 Tendo em conta o atual contexto internacional, em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações?

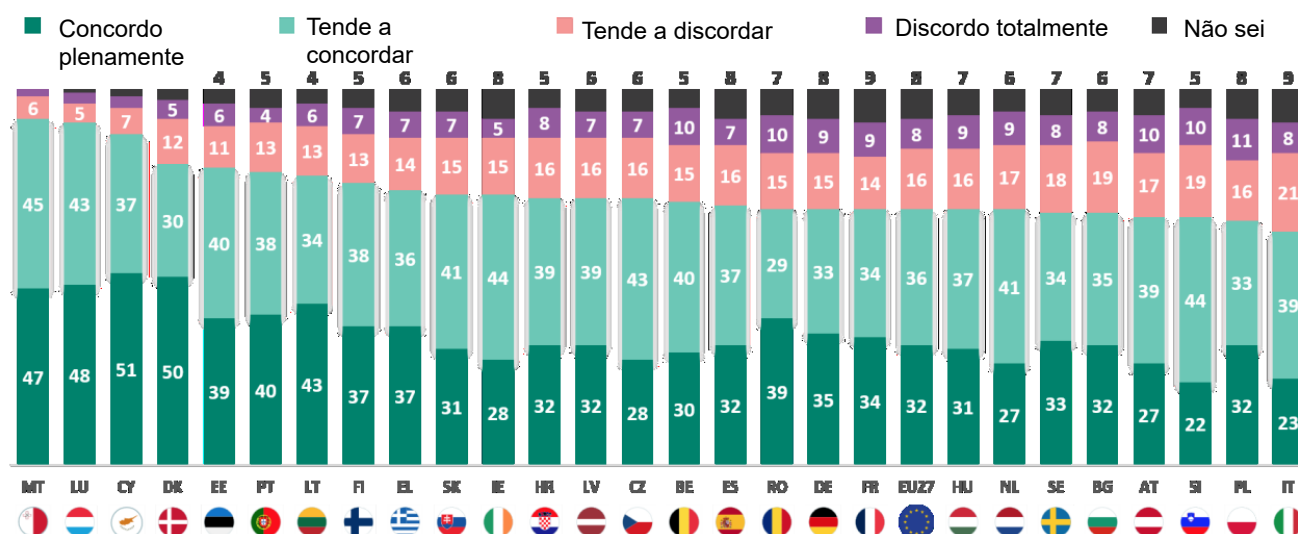
A segurança de (NOSSO PAÍS) está ameaçada



Eurobarómetro Flash Desafios e prioridades da UE

P7 Tendo em conta o atual contexto internacional, em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações?

A UE deve reforçar a sua capacidade de se defender autonomamente contra potenciais ameaças externas



As diferenças sociodemográficas são limitadas para a perceção da ameaça, mas mais visíveis para o apoio à defesa autónoma da UE. As diferenças sociodemográficas na perceção de que o país está ameaçado continuam a ser relativamente limitadas. Ao contrário das perguntas anteriores sobre os principais desafios e prioridades da UE, a idade não estrutura fortemente as respostas. O acordo sobre a ameaça à segurança nacional situa-se em 54 % entre as pessoas com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos e entre os 25 e os 39 anos, 50 % entre as pessoas com idades compreendidas entre os 40 e os 54 anos e 53 % entre as pessoas com idade igual ou superior a 55 anos. Isto sugere que, quando os cidadãos são questionados diretamente sobre a segurança do seu próprio país, o sentimento de ameaça é relativamente amplamente partilhado entre gerações. As diferenças de género também são modestas, embora as mulheres (54 %) sejam ligeiramente mais propensas do que os homens (51 %) a concordar que a segurança do seu país está ameaçada.

O apoio ao reforço da capacidade de defesa autónoma da UE revela padrões sociodemográficos mais distintos. É mais elevada entre os inquiridos com idade igual ou superior a 55 anos (74 %) do que entre os inquiridos com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos (63 %), os inquiridos com

idades compreendidas entre os 25 e os 39 anos (62 %) e os inquiridos com idades compreendidas entre os 40 e os 54 anos (65 %). Tal reflete, em parte, as conclusões anteriores, que mostram que os inquiridos mais velhos tendem a atribuir maior peso às questões geopolíticas e relacionadas com a segurança.

As diferenças mais fortes são atitudinais. Os inquiridos que confiam na UE para reforçar a segurança e a defesa são muito mais suscetíveis de apoiar uma capacidade de defesa autónoma da UE do que os que não confiam na UE neste domínio (75 % contra 59 %). Observa-se uma diferença semelhante entre os que estão satisfeitos e os que estão insatisfeitos com o respeito pelo Estado de direito na UE (77 % contra 61 %). Estes resultados sugerem que o apoio à defesa autónoma da UE está estreitamente ligado a uma maior confiança na capacidade da UE para agir de forma eficaz. No entanto, mesmo entre os grupos mais céticos, o apoio continua a basear-se na maioria, confirmando que o reforço da capacidade de defesa da UE é uma expectativa amplamente partilhada por toda a população europeia.

6.2 Confiança na UE para reforçar a segurança e a defesa

A maioria dos europeus confia na UE para reforçar a segurança e a defesa, embora a confiança seja mais moderada do que o apoio à defesa autónoma da UE. Uma grande parte dos europeus confia na União Europeia para reforçar a segurança e a defesa na Europa e proteger os seus cidadãos (56%), incluindo 12 % que confiam totalmente nela e 44 % que tendem a confiar nela. Em comparação com janeiro de 2026, a confiança na UE para reforçar a segurança e a defesa aumentou quatro pontos percentuais, enquanto a percentagem de pessoas que não confiam nela diminuiu. Por conseguinte, os resultados apontam para uma melhoria modesta, mas clara, da confiança na capacidade de ação da UE no domínio da segurança e da defesa.

Este resultado deve ser lido juntamente com a pergunta anterior. Embora mais de dois terços dos europeus concordem que a UE deve reforçar a sua capacidade de se defender autonomamente contra potenciais ameaças externas, uma maioria mais pequena confia na UE para reforçar a segurança e a defesa na prática. Esta lacuna sugere que o apoio ao princípio de uma defesa europeia mais forte é mais amplo do que a confiança na capacidade da UE para o concretizar. No entanto, o facto de a confiança ser detida por uma maioria e ter aumentado desde janeiro de 2026 confirma que a UE é vista por

muitos cidadãos como um interveniente relevante no domínio da segurança e da defesa.

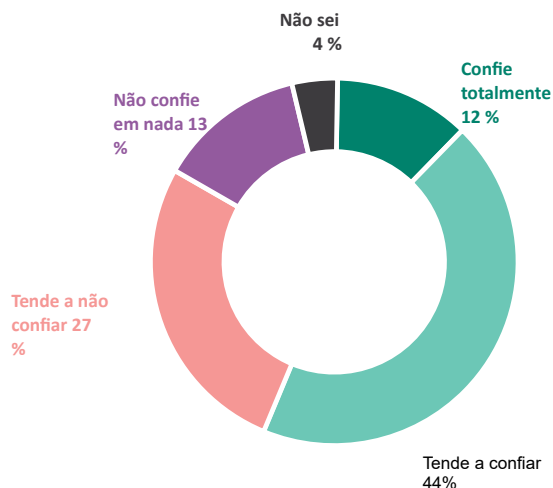
A confiança na UE em matéria de segurança e defesa é mais elevada em Malta e no Luxemburgo e mais baixa em vários dos maiores Estados-Membros

A confiança na UE para reforçar a segurança e a defesa varia consideravelmente entre os Estados-Membros. Atinge os seus níveis mais elevados em Malta (91 %) e no Luxemburgo (88 %), seguindo-se Chipre (76 %), Portugal, a Dinamarca e a Lituânia (todos 75 %) e a Estónia (72 %). Nestes países, a confiança na capacidade da UE para proteger os cidadãos é substancialmente superior à média da UE.

No outro extremo da escala, a confiança é mais baixa na Grécia e na Chéquia (ambos com 47 %). É também relativamente baixa na Alemanha e em Itália (ambos com 50 %), na Eslováquia e na Bulgária (ambos com 52 %), bem como em França e na Áustria (ambos com 53 %). Tal confirma que, embora a confiança seja detida por maioria ou quase maioria em quase todos os Estados-Membros, a confiança no papel da UE em matéria de segurança e defesa é mais limitada em vários grandes Estados-Membros, em especial na Alemanha, Itália e França.

O padrão nacional sobrepõe-se apenas parcialmente ao sentimento de ameaça nacional descrito na secção anterior. Na Itália e na Estónia,

Q8 Em que medida confia na União Europeia para reforçar a segurança e a defesa na Europa e proteger melhor os seus cidadãos?



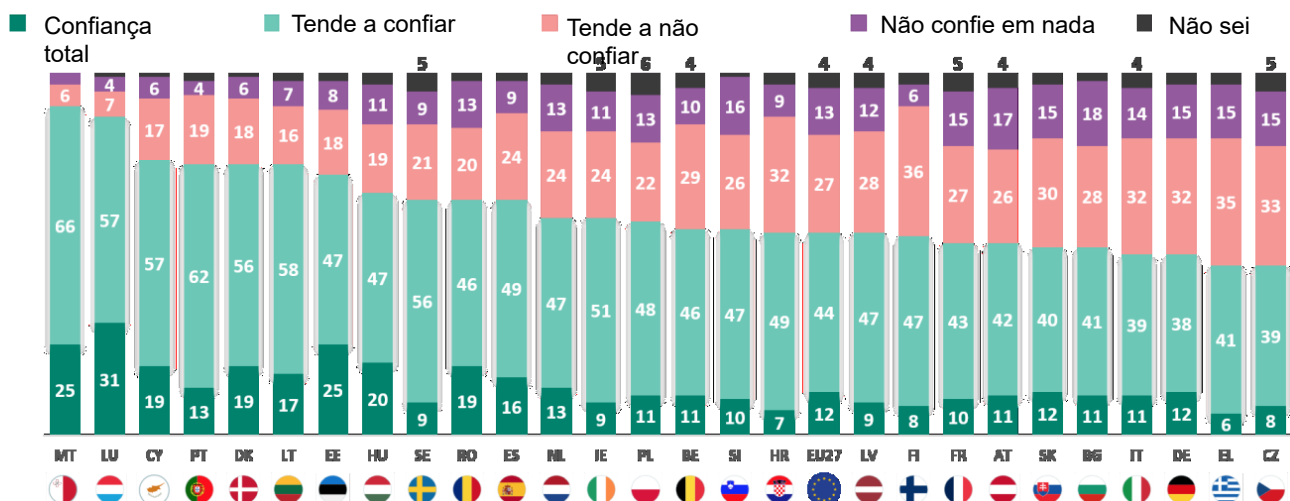
Eurobarómetro Flash

Desafios e prioridades da UE

os elevados níveis de confiança na UE acompanham uma forte perceção dos riscos de segurança, sugerindo que os países mais expostos às consequências geopolíticas da guerra na Ucrânia podem também depositar maior confiança na ação de defesa a nível da UE. No entanto, isto não é sistemático. Alguns países com uma perceção de ameaça relativamente elevada, como a França ou a Alemanha, revelam níveis mais moderados de confiança na UE neste domínio. Tal indica que a confiança no papel da UE em matéria de segurança e defesa é moldada não só pela exposição a ameaças externas, mas também por atitudes nacionais mais amplas em relação à capacidade da UE para agir de forma eficaz.

Em comparação com janeiro de 2026, a confiança aumentou na maioria dos Estados-Membros, embora em diferentes graus. Os aumentos mais acentuados registaram-se em Malta (24 pontos), França (13 pontos), Luxemburgo (12 pontos), Áustria (10 pontos) e Eslovénia (9 pontos). A confiança também aumentou significativamente na Bulgária e na Hungria (ambos com 8 pontos), na Dinamarca e na Grécia (ambos com 7 pontos) e na Bélgica (seis pontos). O aumento global da confiança é generalizado, mas desigual em toda a União Europeia.

P8 Em que medida confia na União Europeia para reforçar a segurança e a defesa na Europa e proteger melhor os seus cidadãos?



Eurobarómetro Flash

Desafios e prioridades da UE

A confiança na UE em matéria de segurança e defesa é mais forte entre os inquiridos mais jovens e os que depositam maior confiança na UE

A idade é uma das divisões mais claras. A confiança na UE para reforçar a segurança e a defesa é mais elevada entre os inquiridos com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos (65 %) e continua acima da média da UE (56 %) entre os inquiridos com idades compreendidas entre os 25 e os 39 anos (59 %). É mais baixa entre os inquiridos com idades compreendidas entre os 40 e os 54 anos (53 %) e entre os inquiridos com idade igual ou superior a 55 anos (55 %).

Este padrão etário é notável porque os inquiridos mais velhos são geralmente mais propensos a identificar as questões relacionadas com a segurança como desafios ou prioridades para a UE. Os inquiridos mais jovens parecem menos propensos a sentir-se diretamente preocupados com as ameaças à segurança, mas mais propensos a confiar na UE para agir neste domínio. Tal sugere uma distinção entre a perceção da ameaça, que tende a ser mais forte entre os inquiridos mais velhos, e a confiança na ação da UE, que é mais forte entre os europeus mais jovens.

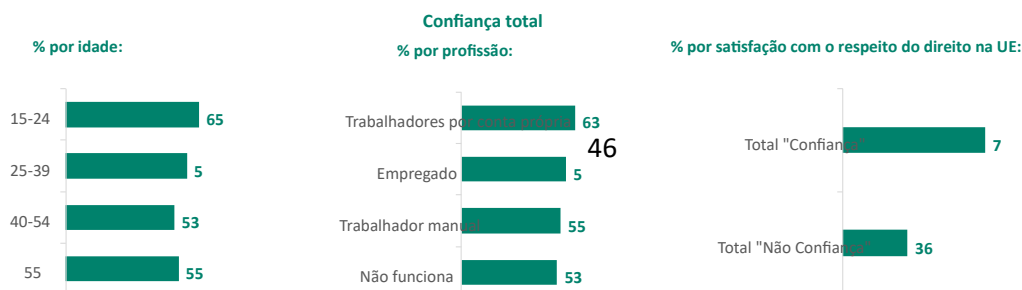
As diferenças de género são limitadas, embora os homens (58 %) sejam ligeiramente mais propensos do que as mulheres (55 %) a confiar na UE neste domínio. A confiança é também mais elevada entre os inquiridos com ensino superior (61 %) do que entre os que têm ensino secundário ou pós-secundário não superior (54 %) ou níveis de ensino mais baixos (55 %).

As diferenças mais fortes são atitudinais. Os inquiridos que estão satisfeitos com o respeito pelo Estado de direito na UE (79 %) têm muito mais probabilidades de confiar na UE para reforçar a

segurança e a defesa do que os que estão insatisfeitos (36 %). Tal confirma que a confiança no papel da UE em matéria de segurança e defesa está estreitamente ligada a uma confiança mais ampla no funcionamento da União Europeia.

A confiança na UE em matéria de defesa é nitidamente mais forte entre as pessoas com menos de 25 anos (65 %)

Q8 Em que medida confia na União Europeia para reforçar a segurança e a defesa na Europa e proteger melhor os seus cidadãos?



7. Especificações técnicas

Entre 19 e 24 de junho de 2026, a Demoscopy realizou este Eurobarómetro Flash n.º 584 a pedido da Comissão Europeia, Direção-Geral da Comunicação (DG COMM, Unidade «Opinião Pública e Participação dos Cidadãos»). Trata-se de um inquérito coordenado pela Direção-Geral da Comunicação (DG COMM, Unidade «Opinião Pública e Participação dos Cidadãos»).

Este Eurobarómetro Flash abrange a população em geral com idade igual ou superior a 15 anos, nos 27 Estados-Membros da UE. Esta população-alvo corresponde ao público em geral, tal como definido no contrato-quadro do Eurobarómetro Flash. No total, 25.904 entrevistas foram concluídas via Computer Assisted Web Interviewing (CAWI).

A conceção da amostragem segue as especificações normalizadas do contrato-quadro, com 1 000 entrevistas em Estados-Membros de maior dimensão e 500 entrevistas em Estados-Membros de menor dimensão (LU, CY, MT).

Número de entrevistas por país

UE	UE	25904	LV	Letónia	1010
BE	Bélgica	1039	LT	Lituânia	1005
BG	Bulgária	1007	LU	Luxemburgo	506
CZ	Chéquia	1016	HU	Hungria	1030
DK	Dinamarca	1015	MT	Malta	512
DE	Alemanha	1008	NL	Países Baixos	1024
EE	Estónia	1005	AT	Áustria	1017
IE	República da Irlanda	1036	PL	Polónia	1024
EL	Grécia	1008	PT	Portugal	1005
ES	Espanha	1005	RO	Roménia	1014
FR	França	1005	SI	Eslovénia	1016
HR	Croácia	1031	SK	Eslováquia	1003
IT	Itália	1009	FI	Finlândia	1024
CY	Chipre	521	SE	Suécia	1009

Eurobarómetro Flash

Desafios e prioridades da UE

Margem de erro

Os resultados dos inquéritos estão sujeitos a tolerâncias de amostragem. A «margem de erro» quantifica a incerteza (ou a confiança) nos resultados de um inquérito. Regra geral, quanto mais entrevistas forem realizadas (dimensão da amostra), menor será a margem de erro. Uma amostra de 500 produzirá uma margem de erro não superior a 4,4 pontos percentuais e uma amostra de 1 000 produzirá uma margem de erro não superior a 3,1 pontos percentuais.

(quadro de outro relatório Eurobarómetro)

Margens estatísticas devidas ao processo de amostragem

(com um nível de confiança de 95%)

várias dimensões da amostra estão em linhas

Os resultados observados estão em colunas

	5 %	10 %	15 %	20 %	25 %	30 %	35 %	40 %	45 %	50 %	
	95 %	90 %	85 %	80 %	75 %	70 %	65 %	60 %	55 %	50 %	
N=50	6,0	8,3	9,9	11,1	12,0	12,7	13,2	13,6	13,8	13,9	N=50
N=500	1,9	2,6	3,1	3,5	3,8	4,0	4,2	4,3	4,4	4,4	N=500
N=1000	1,4	1,9	2,2	2,5	2,7	2,8	3,0	3,0	3,1	3,1	N=1000
N=1500	1,1	1,5	1,8	2,0	2,2	2,3	2,4	2,5	2,5	2,5	N=1500
N=2000	1,0	1,3	1,6	1,8	1,9	2,0	2,1	2,1	2,2	2,2	N=2000

8. Questionnaire

Modo de entrevista: Em linha (CAWI)

População-alvo: Público em geral, 15+

Cobertura: 27 Estados-Membros da UE

Datas do trabalho de campo: 19 a 24 de junho de 2026

Tamanho da amostra: 25904 entrevistas (cerca de 1000 em países maiores e 500 em países menores)

Questões sociodemográficas abrangidas: idade, género, educação, profissão, região, urbanização, composição do agregado familiar e dificuldades financeiras.

A UE: pontos fortes, desafios e prioridades

Q1 : Em relação ao que se segue, considera que são os principais desafios que a UE enfrenta atualmente? Selecione até três respostas.

(RANDOMISE 1-11 – MAX. 3 RESPOSTAS)

Desigualdades sociais 1

Crescimento económico insuficiente 2

O custo de vida 3

A guerra na Ucrânia 4

Conflitos no Médio Oriente (M) 5

Alterações climáticas e questões ambientais 6

Migração irregular 7

Criminalidade e terrorismo 8

Impacto das tecnologias digitais na sociedade 9

Desinformação e manipulação da informação 10

Questões de segurança e defesa 11

Outros 12

Nenhuma 13

Não sei 998

Q2 Qual dos seguintes domínios considera que a UE deve abordar como uma prioridade? Selecione até três respostas.

(RANDOMISE 1-17 – MAX 3 RESPOSTAS)

Migração irregular 1

A guerra na Ucrânia 2

Segurança e defesa 3

Economia e finanças públicas 4

Indústria e competitividade 5

Agricultura e segurança alimentar 6

Eurobarómetro Flash
Desafios e prioridades da UE

Alterações climáticas e ambiente 7
Educação e formação 8
Emprego, igualdade social e competências 9
Energia 10
Comércio 11
Investigação e inovação 12
Saúde pública 13
Impacto das tecnologias digitais na sociedade (N) 14
Democracia, direitos humanos e Estado de direito 15
Conflitos no Médio Oriente (N) 16
Outros 17
Nenhuma 18
Não sei 998

Democracia e Estado de direito na UE

Q3 Na sua opinião, quais dos seguintes elementos são os mais importantes de uma sociedade democrática?

(RANDOMISE 1-10 – MAX 3 RESPOSTAS)

Eleições livres e justas 1
Liberdade de expressão 2
Liberdade e independência dos meios de comunicação social 3
Respeito pelo Estado de direito e proteção dos direitos fundamentais 4
Um sistema judicial independente 5
Os cidadãos podem participar no debate público e na tomada de decisões 6
Transparência e responsabilização dos dirigentes políticos 7
Respeito pelos direitos das minorias 8
Luta contra a corrupção 9
Uma forte oposição capaz de criticar o governo 10
Outros 11
Nenhuma destas 12
Não sei 13

Q4 Overall, quão satisfeito ou insatisfeito estás com o respeito pelo Estado de Direito em...

(UMA RESPOSTA APENAS)

		Muito satisfeito	Bastante satisfeito	Insatisfeito	Muito insatisfeito	Não sei
1	(NOSSO PAÍS)	1	2	3	4	998
2	A UE	1	2	3	4	998

Q5 Para cada uma das seguintes acções, diga-me se pensa que é efectiva ou não na tomada de decisões políticas a nível da UE para além das eleições?

Eurobarómetro Flash
Desafios e prioridades da UE

(RANDOMISE – UMA RESPOSTA POR LINHA)

		Muito eficaz	Bastante eficaz	Pouco eficaz	Não é todo eficaz	Não sei
		2	3	4	998	
1	Ser membro de uma associação ou de uma organização não governamental					
2	Participar numa iniciativa de cidadania europeia (um pedido assinado por, pelo menos, um milhão de cidadãos de, pelo menos, sete Estados-Membros, convidando a Comissão Europeia a propor nova legislação em domínios em que a Comissão tem poderes para agir) ou num painel de cidadãos europeus (uma assembleia de cidadãos selecionada aleatoriamente a nível da UE que trabalha em conjunto para formular recomendações políticas)					
3	Participar em movimentos políticos, partidos ou sindicatos					
4	Boicotar ou comprar determinados produtos por razões políticas, éticas ou ambientais					
5	Participar numa manifestação ou num protesto					

Independência e comércio

P6 Em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações?

(ROTA – UMA RESPOSTA POR LINHA)

		Concordo plenamente	Tende a concordar	Tende a discordar	Discordo totalmente	Não sei
		2	3	4	998	
1	Os Estados-Membros podem obter melhores resultados nas negociações comerciais trabalhando em conjunto a nível da UE					
2	A UE deve reforçar a sua independência económica diversificando as suas relações comerciais					

D Efence, incluindo a futura estratégia de segurança

P 7 Tendo em conta o atual contexto internacional, em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações?

(ROTA – UMA RESPOSTA POR LINHA)

		Concordo plenamente	Tende a concordar	Tende a discordar	Discordo totalmente	Não sei
		2	3	4	998	
1	A segurança de (NOSSO PAÍS) está ameaçada					
2	A UE deve reforçar a sua capacidade de se defender autonomamente contra potenciais ameaças externas (N)					

Q8 Em que medida confia na União Europeia para reforçar a segurança e a defesa na Europa e proteger os seus cidadãos?

Eurobarómetro Flash
Desafios e prioridades da UE

(UMA RESPOSTA APENAS)

Confiança total	1
Tende a confiar	2
Tende a não confiar	3
Não confie em nada	4
Não sei	4

Crise energética

Q9 Na sua opinião, o que pode ajudar a UE a abandonar os combustíveis fósseis?

(A PRIMEIRA VEZ É EXCLUSIVA E, EM SEGUINTE, MULTIPLE-RANDOMISE)

Maior eletrificação	1
Reduzir o consumo de energia através de medidas de eficiência energética	2
Promoção de ações locais, como as comunidades de energia	3
Desenvolver mais capacidade de energias renováveis através, por exemplo, de novos parques eólicos e solares	4
Investir em soluções nucleares	5
Outros	6
Não sei	998

1. Em primeiro lugar?

2. E depois?

Q10 Em resposta ao aumento dos preços da energia na sequência do início da guerra no Irão (final de fevereiro de 2026), tomou alguma das seguintes medidas para reduzir o seu consumo de energia e gerir o seu consumo de energia de forma mais ativa? Tu tens...

(RESPOSTAS MÚLTIPLAS POSSÍVEIS – NENHUMA E DK SÃO EXCLUSIVAS –RANDOMISE)

Redução da utilização de aquecimento ou arrefecimento	1
Redução do consumo global de eletricidade	2
Melhor isolamento ou desempenho energético da sua casa	3
Investir em aparelhos mais eficientes do ponto de vista energético	4
Acompanhar mais de perto o seu consumo de energia	5
Comparação ou alteração do seu fornecedor ou contrato de fornecimento de energia	6
Ferramentas ou aplicações inteligentes utilizadas para gerir o consumo de energia	7
Consumo de energia ajustado para beneficiar de preços mais baixos ou consumo reduzido em horas com preços mais elevados (por exemplo, de manhã, à noite)	8
Instalação ou possibilidade de instalar soluções de energias renováveis (por exemplo, painéis solares)	9

Eurobarómetro Flash
Desafios e prioridades da UE

Juntou-se a uma comunidade de energia	10
Mudou os seus hábitos de transporte para reduzir o consumo de energia	11
Outros	12
Nenhuma	13
Não sei	998

Redes sociais

P 11 Quão preocupado está com os seguintes riscos que as crianças enfrentam nas redes sociais?

(UMA RESPOSTA APENAS - RANDOMISE)

	Muito preocupado	Um pouco preocupado	Não muito preocupado	Nada preocupado	Não sei	
1 Exposição a conteúdos nocivos (por exemplo, violência, automutilação, extremismo, saúde nociva ou aconselhamento cosmético)	1	2	3	4	998	
2 O aliciamento em linha ou a exploração sexual	1	2	3	4	998	
3 Ciberassédio ou assédio	1	2	3	4	998	
4 Conceção de aditivos	1	2	3	4	998	
5 Riscos para a privacidade dos dados (por exemplo, recolha de informações pessoais de crianças)	1	2	3	4	998	
6 Recrutamento para atividades ilegais	1	2	3	4	998	

Q12 O Regulamento dos Serviços Digitais (RSD) exige que as plataformas em linha protejam melhor as crianças contra danos, que podem resultar, por exemplo, do ciberassédio, do aliciamento, da exposição a material extremista violento, da conceção viciante ou dos chamados buracos de coelho. A fim de reforçar ainda mais a proteção das crianças em linha, que medidas considera que a UE deve tomar?

(UMA RESPOSTA APENAS)

Adotar regras a nível da UE que proíbam os prestadores de redes sociais de oferecerem os seus serviços a crianças com menos de uma determinada idade	1
Adotar regras a nível da UE que obriguem os fornecedores de redes sociais a adiar a oferta de acesso a determinadas redes sociais inseguras a crianças com menos de uma determinada idade	2
Reforçar os recursos afetados à aplicação da lei	3
Deixar aos pais e às escolas a responsabilidade de gerir a segurança em linha das crianças sem medidas adicionais a nível da UE	4
Não são necessárias medidas adicionais	5
Não sei	998

PERGUNTAS SOBRE A DESINFORMAÇÃO

Q 13 Nos últimos sete dias, quantas vezes te deparaste com informações online que tu...

Eurobarómetro Flash
Desafios e prioridades da UE

(Uma resposta por linha)

	Diariamente ou quase todos os dias	Várias vezes por semana	Menos frequentement e	Nunca	Não sei	
1 Não tinha a certeza se era fiável	1	2	3	4	998	
2 Pensa-se que é falso ou enganoso	1	2	3	4	998	
Acredita-se que tenha sido parte de uma						
3 tentativa de um país ou organização	1	2	3	4	998	
estrangeira de influenciar a sua opinião.						

PERGUNTA A TODOS

P14 Quando se depara com informações online que pensa serem falsas ou enganosas, o que costuma fazer?

(RESPOSTAS MÚLTIPLAS POSSÍVEIS – RANDOMISE 1-5)

Ignore-o	1
Verifique-o comparando-o com outras fontes	2
Comunicá-lo à plataforma ou site	3
Discuta-o com amigos/família	4
Partilhe-o online	5
Não sei	998

PERGUNTA A TODOS

Q 15 Deve ser dada prioridade às seguintes medidas, caso existam, para reduzir o impacto negativo de informações falsas ou enganosas em linha?

(MAX. 2 RESPOSTAS – NENHUMA E DK SÃO EXCLUSIVAS – RANDOMISE 1-6)

Regras mais rigorosas para as plataformas em linha e as redes sociais	1
Mais educação e literacia mediática para os cidadãos	2
Verificação de factos mais independente dos conteúdos em linha	3
Sanções mais severas contra conteúdos e atividades ilegais em linha	4
Rotulagem clara dos conteúdos gerados ou manipulados por IA	5
Limiar mínimo de idade para o acesso às redes sociais	6
Não são necessárias medidas adicionais	7
Não sei	998

PERGUNTA A TODOS

DX 1 Como utiliza as plataformas de redes sociais para obter informações sobre questões políticas ou de atualidade?

(UMA RESPOSTA APENAS)

Eurobarómetro Flash
Desafios e prioridades da UE

Várias vezes ao dia	1
Uma vez por dia	2
Várias vezes por semana	3
Menos frequentemente	4
Nunca	5
Não sei	998